QUINTA DO PRADO VERDE- HABITAR A NATUREZA

Pedro Jarmela Marques

FAUP | 2018

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2018

Docente Orientador: Prof. Nuno Brandão Costa

AGRADECIMENTOS

Quero expressar o meu mais profundo agradecimento a todos aqueles que colaboraram, orientaram, encorajaram, ou contribuíram de alguma forma para a concretização deste trabalho.

Ainda assim, quero manifestar o meu reconhecimento a algumas pessoas em particular pelo seu especial contributo e pelo lugar que ocupam na minha vida.

À minha mãe e ao meu pai, por todo o amor, constante apoio, incentivo e a oportunidade concedida de realizar este curso.

À minha avó e ao meu avô, por todo o carinho e ajuda.

Às minhas duas irmãs pelo exemplo.

À Tia Aninhas

À Tia Cristina

À Astrid

Ao Artur, Camarinha, David, João, Gonçalo, Guedes, Victor, e a todos os que me acompanharam e enriqueceram o meu percurso académico.

E por fim, como não poderia deixar de ser, ao Professor Nuno Brandão, pelos seus ensinamentos, crítica e partilha de conhecimento, que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado que se intitula "Quinta do Prado Verde – Habitar a Natureza" procura chamar a atenção e evidenciar a importância da relação do Homem com a Natureza. Este projeto de arquitetura pretende fazer essa ligação de forma a manter a identidade de cada um dos intervenientes.

Começa por uma abordagem aos comportamentos resultantes da vida em sociedade, e com advertências sobre a metrópole e os sinais de perigo imergentes da tecnologia. Dá-se continuidade a esta reflexão abordando alguns aspetos apelativos da Natureza. Analisam-se alguns exemplos e referências que têm como base o contexto natural. E, por último, pretende dar materialidade a este conceito de união Homem-Natureza apresentando uma proposta prática que explore a dialética entre o mundo intervencionado e construído pelo Homem e o mundo natural num diálogo, de harmonia e de respeito, preservando as suas caraterísticas e a sua essência.

ABSTRACT

This Master's thesis entitled "Quinta do Prado Verde-Habitar a Natureza" seeks to draw attention and highlight the importance of the relationship between Man and Nature. This architecture project intends to make this connection in order to maintain the identity of each of the parts.

It begins with an approach to the behaviours that result from life in society, warnings about today's metropolis and also the signs of danger emerging from technology. This reflection is continued, addressing some of the most appealing aspects of nature. Some examples and references that are based on the natural context are analysed. Ultimately, it intends to materialize the union of the Man-Nature concept presenting a practical proposal that exploits the dialectic between the world intervened and constructed by Man and the natural world in a dialogue, of harmony and respect, preserving its characteristics and its essence.

INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o trajeto académico como estudante de arquitetura nunca surgiu a oportunidade de elaborar um projeto que se inserisse num contexto natural. Intervir na Natureza como uma realidade distinta que levanta a problemática da conceção e inserção do objeto arquitetónico na paisagem.

Não poderia deixar fugir a oportunidade de usar este trabalho de final de curso, Dissertação de Mestrado, para elaborar um projeto que refletisse essa vontade. A abordagem ao tema surge de uma frase que há muito me acompanha, e que sempre me despertou algumas interrogações. Desconhecendo a sua fonte, a frase "O Homem vive afastado do planeta", sempre habitou os meus pensamentos e a minha observação do mundo. Foi a partir desta asserção que me surgiu a ambição de realizar um projeto de arquitetura que desse corpo a esta inquietude.

O projeto tem como base a recuperação da paisagem, considerando-a um lugar de ação. Através da implantação de elementos artificiais e alguns refúgios que acolham o Homem, pretende-se dar ênfase à paisagem e voltar a aproximar o ser Humano da Natureza.

Assim, o corpo da Dissertação estrutura-se a partir de três temas principais.

O primeiro tema, que tem como nome "O Homem", apresenta algumas advertências e preocupações sobre a nossa separação e alheamento com Natureza. Aborda assuntos, como as consequências da urbe e a névoa comportamental concebida pelas novas tecnologias. Conclui-se o capitulo com o retorno do Homem à sua ligação ao mundo natural.

O segundo tema designado por "Natureza", corresponde a uma reflexão sobre o mundo natural abordando alguns aspetos considerados apelativos para a conceção do projeto. Estrutura-se apresentando o conceito de Natureza e a beleza que nos transmite captada pela perceção dos nossos sentidos.

Em seguida abordam-se assuntos como o silêncio e luz, elementos do mundo natural. Ainda no desenvolvimento deste tema evidenciam-se e

analisam-se alguns exemplos reais com o intuito de experienciar e perceber o mundo natural. Abordou-se também a Land Art na tentativa de perceber como é que esta filosofia revolucionária entendia a paisagem.

O terceiro tema designa-se por "Projeto" e apresenta a parte prática da Dissertação. Mostra o desenvolvimento da proposta através de desenho sobre fotografias do lugar, explorando o caráter dos objetos na sua relação com a paisagem. A perceção da paisagem é determinante para a inclusão de um objeto arquitetónico que não a agrida mas que seja capaz de a elevar e de ampliar as caraterísticas do lugar, dialogando de forma inteligível e coordenada com a natureza.

Como reflexão final, este trabalho de investigação procura, de alguma forma, dar resposta à inquietação antes apresentada sobre a importância do retorno do Homem à Natureza. Estabelecer esta ligação, não como uma fuga, mas como uma solução e uma alternativa à vida massificada e descaraterizada das grandes urbes.

AGRADECIMENTOS

RESUMO| ABSTRACT

INTRODUÇÃO

HOMEM

. A advertência 21
. Consequências da urbe 31
. Névoa comportamental 39
. Retorno ao Natural 43

NATUREZA

. Conceito 55
. Beleza da Natureza 59
. Despertas dos Sentidos 69
. Silêncio 79
. Luz 85
. Referências 91
-Land Art 95
. Primeiro Contacto 101

PROJETO

. Aproximação ao Real 111
. Referências 117
. Reunião com o Natural 121
. Produzir paisagem 127
. Representação 167

NOTAS 197
CREDITO DE IMAGENS 203
FILMES 209
WEB 211
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 213

Esta Dissertação de Mestrado está impressa em papel reciclado.

Homem



Fig. 1 Nova York, Central Park, retrata dois universos diferentes

"No longer to be poisoned by civilization he flees, and walks alone upon the land to become lost in the wild" [1]

Alexander Supertramp



Fig. 2 The Garden Of Earthly Delights, Hieronymus Bosch, Sec.XV-XVI

A ADVERTÊNCIA

"Why didn´t you leave the forest?"

"We can´t go out of our place."

"Why?"

"We love to stay in our forest.

We like it here. It is a quiet place to sleep.

It is warm. Not loud." [2]

A imagem aqui apresentada e as alinhas acima transcritas pretendem ser o ponto de partida para este trabalho.

The Garden of Earthy Delights descreve a história do mundo, do paraíso ao inferno, representada num maravilhoso tríptico. Mostra a humanidade desde o seu início até a um pressuposto fim. Começando pela análise do painel esquerdo do quadro, o início ou paraíso, observamos a representação de Adão e Eva que habitam num jardim paradisíaco, onde reina a harmonia entre o Homem a fauna e a flora. No painel central, deparamo-nos com a vida mais terrena e sensorial onde o Homem ocupa o lugar principal. Este é um jardim superlotado, que goza a vida sem medo das consequências. Do lado direito do painel, o fim ou inferno, surge como a queda da civilização, um mundo transformado em fogo e cinza resultante dos atos do próprio Homem que o habita. Este quadro mostra, numa das mais belas representações artísticas, o mundo frágil e vulnerável em que vivemos e sobrevivemos à mercê do tempo e das nossas ações. A atualidade do quadro reside no facto de ele representar uma realidade que se mantém atual. Resta-nos descobrir em que momento do quadro nos situamos e em que momento nos queremos situar.

Desde o início da nossa existência que o Homem depende da relação que tem com a Natureza.*"...quer queira quer não, depende da existência de uma natureza rica, complexa e equilibrada em torno de si. Ainda que ele se mantenha isolado em prédios de apartamentos, os ecossistemas naturais continuam constituindo o*



Fig. 3 Domesticação do espaço natural, desenho do autor

seu meio ambiente." [3]

Primordialmente o Homem estava sujeito ao que o mundo lhe fornecia *"...o mundo é o ninho do homem"* [4] , uma dependência absoluta que ditava a nossa própria sobrevivência. O ser humano recoletor dependia da Natureza como fonte de rendimento. O Homem evoluiu e foi assinalando a sua presença no mundo através da criação do seu primeiro abrigo, tal como um pássaro constrói o seu ninho, também o Homem, com alguns ramos caídos das árvores, sobrepostos com a vegetação existente, constrói o primeiro lugar para si próprio. São as primeiras manifestações da criação de um lugar. Desde os primeiros abrigos, acompanhando a evolução e o desenvolvimento, essa construção atinge a escala das grandes cidades que hoje conhecemos. *"No meio desta máquina, seu autor e sua vítima, nasce vive e morre o homem, que criou a cidade para o prolongar, (...) para viver melhor, para ser mais feliz, (...) Mas os seus contactos com a `mater natura´ são mínimos porque a cidade contemporânea é, por definição, contra a natureza e quando a aceita é apenas para demonstrar que pode dominá-la."* [5]

O Homem inicia assim um processo de domesticação do espaço natural. Pequenas hortas, que se transformam numa industria desmedida, que se alastra pela paisagem, roubando lugar aos campos. A Natureza que se observa hoje, pode dizer-se que é uma Natureza manchada pela mão do ser humano.

A escala de desenvolvimento operada pelo Homem é de tal dimensão que se criou um fosso evidente entre o mundo estruturado por nós e o mundo natural. Quase nos esquecemos do quanto a nossa existência depende da Natureza, de tal forma *"que acabamos por nos esquecer que a nossa humanidade se encontra enraizada na sua natureza animal"* [6]. Voltando a referir o quadro The Garden of Earthy Delights, pode dizer-se que o Homem cria o seu próprio destino.

Desta maneira, traçando o seu caminho e fazendo as suas escolhas, o Homem,



Fig.4 Foz do Douro, Porto, Fotografia do autor, 2016

distingue-se de todos os outros seres vivos. Relata um passado extraordinário, um desenvolvimento desmedido, aperfeiçoando aquilo a que chamamos de acomodamentos, e simplificando cada vez mais a forma como vive. Com os avanços da sociedade, o Homem torna-se dependente dele próprio, e com a ajuda da tecnologia e da máquina, que foram de tal forma eficientes a responder às suas necessidades, tornam-se responsáveis pela separação gradual da Natureza.
Deste modo, vai-se perdendo um contacto respeitoso com a Natureza estando cada vez mais perto de a destruir. Uma utilização excessiva dos seus recursos desenvolve um processo destrutivo de tudo aquilo que nos rodeia. Desordem, miséria e conflitualidade, onde poucos se apercebem do caos existente. Vive-se num mundo assolado pela violência e em constante conflito, *"...uma selva de selvagens humanos irreflectidos, que não se interessam pela terra, nem pelas coisas fascinantes da terra(...) nenhum de nós parece importar-se."* [7]
Consequentemente, a Natureza responde, mostrando-nos o seu lado mais poderoso e violento *"...as catástrofes ecológicas multiplicam.se sem engendrarem com isso um sentimento trágico de <<fim do mundo>>"* [8], alterações climáticas, aquecimento global, tufões, secas, inundações, entre outros desastres naturais vivenciados na atualidade são uma simples resposta aos danos causados pela ação do Homem. Estes alteram o mundo e condicionam a nossa vida. Sem qualquer exceção, todos estamos a ser afetados por estas questões que exigem uma resposta rápida. Os problemas ambientais que vivemos hoje, já eram problemas de ontem, e conforme o tempo passa, a sua resolução torna-se mais séria e complexa. Metaforicamente é como uma bola de neve que começa sempre pequena, e aumenta com base no seguimento das ações erradas, tornando-se potencialmente perigosa. Chega-se à conclusão que *"o homem e o mundo estão numa comunhão de perigos. São perigosos um para o outro."* [9]



Fig.5 Retrato de uma sociedade capitalista, desenho do autor

A ADVERTÊNCIA

Partindo do princípio de que estamos acima da Natureza entra-se num processo de fragilidade porque nos esquecemos da nossa dependência e da nossa essência enquanto seres integrantes desse mesmo mundo natural. O Homem esqueceu-se que também ele é Natureza. O Homem precisa de tomar consciência, discernimento e responsabilidade pelos seus atos. Quão triste é ver o que está a acontecer ao nosso mundo? Mas, mais triste ainda, é ver que nada fazemos para mudar. Vemos políticos, cientistas, e inúmeras outras comunidades subornados pelas grandes empresas mundiais que negam que a destruição está em curso e a favor de uma sociedade economicista Não tivemos piedade, colocámo-nos em primeiro lugar no ecossistema, somos o topo da pirâmide, e temos o poder de decidir. Somos egocêntricos, governados por pessoas soberanas, inconsequentes com um desejo de poder infinito. Trouxeram-nos guerras, desordem e conflitos, criando um mundo extremamente confuso, frio e triste, *"O nosso mundo que somos nós mesmos, é o mundo onde se cultiva o intelecto do coração vazio(...)somos nós próprios o resultado da civilização moderna"*[10] Criámos uma sociedade totalmente capitalista e consumista, gerida pelo dinheiro e pelo poder, na qual as nossas ações enquanto cidadãos comuns são pouco eficazes. Uma sociedade de cabeça cheia, mas com almas vazias, que se esqueceu verdadeiramente dos seus valores e da forma como deve viver. Vive-se uma vida de constante conflito, sujeita a uma dramatização e a um stress constante. Tudo é problemático, até as atividades mais elementares se tornam impossíveis. Somos controlados pela ansiedade, e sabemos que a palavra descanso perdeu o seu significado. Suportamos esta condição, na ilusão de que o dia de amanha será melhor do que o dia de hoje, e que talvez num futuro próximo, conseguiremos chegar a ser "alguém" no sentido de imprimir uma ação consciente e positiva. De bolsos cheios, mas com o coração vazio, transpondo a felicidade para um



Fig. 6 Matosinhos, Fotografia do autor, 2018

segundo plano. *"A modernidade, o futuro, já não entusiasma ninguém(...)num tempo desvitalizado sem referências estáveis, sem coordenadas principais."* [11] Simultaneamente existe um desejo de mudança, com base no desenvolvimento de uma sociedade melhor e sustentável. Mas, este desejo não subsiste para além da sua ideia, por mais que alteremos os nossos vícios, não somos capazes de abdicar da forma como vivemos. O Homem habituou-se de tal maneira a esta rotina que continua a seguir o caminho do precipício, é impossível mudar o destino do Homem sem alterar o trajeto que ele próprio escolheu.





Fig. 7 Paris, Fotografia do autor, 2018

CONSEQUÊNCIAS DA URBE

"...o afluxo demográfico registado em todas as cidades do mundo(...) deveriam pôr-nos de sobreaviso contra os perigos que nos espreitam quando as nossas populações rurais emigram em massa para os centros urbanos." [12]

Hoje, a maioria da população mundial escolheu viver nas grandes áreas urbanizadas. O Homem está a tornar-se cada vez mais citadino. Acredita que as boas e as novas oportunidades estão nas grandes urbes. Pressupõe que terá uma vida melhor, esquecendo-se das contrariedades que a cidade transporta consigo.

Uma selva metropolitana que arrasta multidões, constituída por blocos de betão, e uma agitação contínua. É lá que se *"encontram os poderosos e os dotados de inteligência e de cultura"* [13] um conjunto de profissionais e especialistas, fomentados pelo espírito de competição, que batalham entre si, como leões apetentes, indomáveis e exibicionistas, que desejam ter mais e conquistar mais. O Homem tornou-se num ser cada vez mais individualista, que age unicamente a favor das suas necessidades, capaz de se sobrepor a tudo o que se atravesse no seu caminho.

Assim, ironicamente, o Homem , que criou a cidade com o intuito de viver melhor, vê-se cercado pelos perigos que as grandes cidades geram tirando-lhe segurança e qualidade de vida. Seres alienados com quem nos cruzamos vezes sem conta, e com quem não conseguimos desenvolver qualquer laço que nos una.

O Homem que criou este mundo assim estruturado, sabe que *"Destinadas a apodrecer estão as nossas cidades desde a sua formação(...) poeiras, sujidades, despojos, leves e moventes, que se contrapõem à imobilidade, à grande mole, como seres fugitivos, precários, prestes à levitação e ao desaparecimento, simbolizando o próprio destino da cidade..."* [14] Talvez a vida urbana não seja a melhor opção. Nesse sentido a migração das populações rurais para as cidades deve ser repensada, pois a cidade é uma moeda de duas caras, *"A vida na cidade tem fama de ser uma experiência que desperta sentimentos desencontrados.*



Fig. 8 Grand Central Terminal, Nova York, fotografia do autor, 2017

CONSEQUÊNCIAS DA URBE

Atrai e repela ao mesmo tempo, e, para complicar ainda mais a existência dos seus habitantes, são os mesmos aspectos dessa vida que atraem e repelem, ora intermitente, ora simultaneamente... A desconcertante variedade do meio urbano é uma fonte de medos(sobretudo, para os que perderam o norte por se verem mergulhados num estado de incerteza aguda, efeito de instabilidade que nos trouxe a globalização). O mesmo fulgor de caleidoscópio da paisagem urbana, onde nunca faltam novidades e surpresas, determina a maldição irresistível das cidades e o seu poder de sedução. Deste modo, perante o espectáculo sempre deslumbrante e interminável da cidade, não temos, portanto, a impressão inequívoca de viver um pesadelo ou uma condenação;"[15] A cidade é um mundo repleto de diversas oportunidades. À primeira vista só apresenta vantagens ao ser que procura progredir. Mas, desaponta o ser que a habita quando lhe mostra o seu lado mais escuro. Vive-se a agitação e o constante stress dos milhões de cidadãos que nela vagueiam. O tempo é também um fator difícil de gerir na cidade, entramos num desespero diário pelo tempo que demoramos a percorrer uma distancia mínima, vitimas do trânsito frenético e constante. Visualmente também impera um certo caos, quarteirões e quarteirões, aglomerados aparentemente cinzentos, construídos de betão e aço, que aumentam de dia para dia e arrasam a paisagem natural que os rodeia. Tal como uma doença terminal, que se alastra pelo corpo humano. *"A cidade contemporânea atinge assim uma forma dominadora(...) E o seu crescimento incontrolado arrasa tudo, desde a paisagem natural até ao próprio homem que a cria(...)Zonas que crescem de um dia para o outro, zonas que de um dia para o outro morrem, vazios enormes e amorfos que, como golpes, dilaceram espaço, gigantes ao lado de pigmeus, a indústria prejudicando a residência, sectores <<ricos>> e sectores <<pobres>>, áreas onde o sol, o grande animador das formas, nunca penetra e, aqui e ali, tímidos espaços verdes ou até e apenas tímidas árvores que o asfalto e o ar*



Fig. 9 Times Square, Nova York, fotografia do autor, 2017

poluído impedem, práticamente, de existir." [16] Estamos a afastar-nos e a excluir o pouco contacto que temos com a Natureza. A cidade cresce e a nossa vivencia com o mundo natural vai-se esbatendo, tornando-se cada vez mais ténue. Fragmenta-nos, limita-nos e torna-nos cada vez mais insignificantes. No entanto pode sempre intervir-se no sentido de se incrementarem mais elementos naturais nas cidades de forma a aproximar mais o Homem da Natureza. Jardins, parques, lagos, apontamentos verdes que aparecem para dar cor e vida às ruas em que nos movimentamos, são alguns desses elementos. Frequentemente vemos esses espaços verdes, sobrelotados por pessoas que tentam fugir ao mundo de betão que as rodeia. Este ambiente natural, completamente controlado pela mão do homem, tem uma vertente útil mas será sempre inferior em beleza à Natureza no seu estado mais primário. *"The city is the ultimate expression or artifice, a second nature built as an alternative to living exclusively within the natural world. In perfecting this second nature, we have progressively separated ourselves from real nature"* [17]

Separamo-nos completamente da Natureza, e temos consciência de que cada vez mais, a maior parte da nossa vida é passada enclausurados, sendo em casa, no trabalho ou no carro. Vivemos encaixotados nas nossas casinhas ou apartamentos, *"Em caixas sobrepostas vivem os habitantes da cidade(...) entre suas quatro paredes, é uma espécie de lugar geométrico, um buraco convencional que mobilamos com imagens(...) a casa não tem raízes(...)tudo é máquina e a vida intima foge para todos os lados."* [18] Um habitáculo vazio de caráter e privacidade, com áreas mínimas, desenhado de igual forma para milhares de cidadãos. Um lugar desocupado a maior parte do dia, pois pela manhã o Homem isola-se no seu automóvel, ele e *"... milhões de pessoas que saíam das suas casinhas de manhã cedo só para se meterem no carro e ficarem a andar no meio do trânsito durante uns quantos minutos ou uma hora. Como se fosse um*



Fig. 10 Marrocos, fotografia do autor, 2017

filme do cinema mudo" [19], um momento que reforça um processo de alienação, que anula os contactos sociais e desperta a irritabilidade e agressividade do ser humano. Esta gente conduz durante um longo período de tempo até ao local de trabalho, existe uma *"dependência do automóvel(...) larga distância aos serviços(...) estimula a degradação do tecido social e promove uma sociedade artificial, nivelada e igual a si mesma. Uma sociedade doente onde se esbatem as diferenças que lhe conferem urbanidade."* [20] O quotidiano nas grandes cidades é cada vez mais desumanizado. Sufocados pelos espaços em que somos obrigados a trabalhar, permanecemos sentados durante horas encadeados pelo ecrã do nosso computador. Somos operários que desempenham a mesma função vezes sem conta, um trabalho repetitivo e monótono. Cansados, regressamos após mais um engarrafamento no trânsito, e ainda temos que lidar com as atividades que nos esperam em casa *"In a small city apartment, harassed mother tries to cook, feed the infant, scold the toddler who has spilled food on the floor, and answer the doorbell, all at the same time. A work-weary father returns home and cannot find a quiet corner to himself, away from his bumptious and loquacious children."* [21] desta forma o casal desesperado que tenta abstrair-se do stress do dia a dia, que procura o descanso, cego com as suas preocupações e ansiedades, com o ruído constante *"...os automóveis roncam e o barulho dos caminhões me faz maldizer meu destino de citadino, consigo paz vivendo as metáforas do oceano. Sabe-se que a cidade é uma mar barulhento;"* [22] adormece, num sono pouco profundo, sonhando com os plenos momentos de descompressão e relaxamento que só a Natureza consegue fornecer. O despertador toca e recomeça novamente este ciclo rotineiro. *"the routine of going to work in the morning and returning home at night. A man is so habituated to this circuit that he makes it with little deliberation. One does not celebrate a routine. Works at*



Fig. 11 Porto, Retrata a dependência da tecnologia, fotografia do autor, 2018

NÉVOA COMPORTAMENTAL

the office promises little excitement, it will be just another day(...) Going to the office remains a small adventure." [23] Grande parte da nossa vida é vivida sob uma névoa de comportamento automático, despendemos demasiado tempo à procura de algo que nos satisfaça, e nunca ficamos totalmente satisfeitos. O desejo de querer estar em todo o lado ao mesmo tempo, acaba por nos deixar ausentes a tempo inteiro. O homem não usufrui do presente, sobretudo por estar permanentemente a pensar no futuro. Estamos continuamente a saltar de um estimulo para outro, pois *"vemos cerca de cindo mil anúncios por dia"* [24] que nos manipulam através de publicidades enganosas e nos orientam para o consumismo desmedido. Oferecem-nos vidas perfeitas, com o intuito de convencer o Homem a lutar por um futuro que já está traçado. Vemos tanta informação e não retemos nada. *"Trata-se de saber como somos modificados pela tecnologia que utilizamos, o que esperamos aprender, a nossa relação com a natureza, com aqueles que amamos, o tempo que gastamos, a energia que é consumida, e a quanta liberdade renunciamos em nome da tecnologia."* [25] Utilizam-se redes sociais que usam como *slogan* a felicidade e a aproximação entre nós, mas mais do que isso, estas promovem o isolamento do homem, sacrificando momentos que realmente importam *"...toda esta interconetividade. Em vez de nos aproximar, pode estar a fazer o contrario, tornando-nos mais desligados, de nós próprios, dos outros e do mundo à nossa volta."* [26] Caminhamos pela rua de qualquer cidade, e vemos pessoas agarradas aos seus aparelhos tecnológicos, consumindo tempo. *"Um estudo da Nokia diz que uma pessoa consulta o telemóvel 150 vezes por dia, e passamos quase 2h30 com os olhos no ecrã."* [27] O Homem está a entrar num processo de submersão na tecnologia que só conseguirá ultrapassar "desligando". Uma das mentes mais brilhantes que conhecemos, Albert Einstein,



Fig. 12 Louvre, Paris, Retrata a dependência da tecnologia, fotografia do autor, 2018

já no seu tempo afirmava que *"I fear the day that technology will surpass our human interaction. The world will have a generation of idiots"* [28]

É imperioso que o Homem faça uma avaliação da sua dependência da tecnologia, recomenda-se ao Homem que tenha consciência daquilo em que se está a transformar. Um ser alienado, que vive num mundo digital, e caminha à mercê do que a sociedade lhe propõe, sem estar presente e consciente das decisões que toma. Deste modo, devemos viver em sociedade, mas ao mesmo tempo devemos libertar-nos da mesma, sendo ativamente conscientes e sendo capazes de fazer escolhas. Perante isto, o Homem, acima de tudo, deve encontrar um estado de espírito, uma maneira de viver, que não se torne um desgaste diário. Deve encontrar o equilíbrio, a beleza, a paz e a harmonia que está representada no primeiro painel do quadro "The Garden of Earthy Delights".





Fig. 13 Matosinhos, Representa a energia da natureza fotografia do autor, 2018

RETORNO AO NATURAL

Propõe-se como melhor opção de vida o contato com a Natureza. Não um mero passeio pelo parque, ou um dia de repouso na praia, ou o observar das estrelas ou do pôr do sol, mas uma ligação mais profunda. O Homem tem que se sentir ligado ao mundo natural de maneira a conseguir compreendê-lo. E é essa compreensão que pode transportar o Homem para uma comunhão mais efetiva com a Natureza, conseguindo libertar-se da sociedade em que vive. *"Muitos de nós vivem em cidade sobrepovoadas e cheias de ruído e poluição. Provavelmente são raras as ocasiões em que encontramos a Natureza no seu estado puro. Mas temos este mar maravilhoso e as pessoas não se sentem ligadas a ele. Olham para ele, possivelmente até dão um mergulho, mas não sabem o que é sentir este mar imenso repleto de vitalidade e de energia, desconhecem a beleza da onda que rebenta na costa – não há comunicação entre essa maravilhosa cadência do mar e o indivíduo em si.(...) É muito importante compreender isto, porque a beleza, na sua essência, não apenas a forma física, é sim a sensibilidade, o saber observar a Natureza."* [29] É nesta observação neste contato que residem verdadeiros momentos de descompressão e relaxamento, assim começa a fuga ao emaranhado mundo citadino. *"...workers and their families(···)escape their cramped quarters in industrialized cities..."* [30] para contemplar e vivenciar o mundo exterior que nos rodeia. Aprender a apreciar a beleza que este contém, mas acima de tudo, para que a vida continue, o Homem e a Natureza, devem conviver numa comunhão de bens, *"To be livable, nature and society must show order and display a harmonious relationship."* [31] O filósofo e professor Heidegger, disse que não existia nada mais estimulante e apelativo do que os bons momentos que passava sozinho ou com a sua família na sua casa de montanha, afastando-se de tudo e todos, e permanecendo em contato com a Natureza pura. *" Me voy a la cabaña, y me alegro mucho del aire fuerte de las montañas;(···) es*



Fig. 14 La Cabaña de Heidegger

RETORNO AO NATURAL

ya noche profunda, la tormenta azota los altos, en la cabaña chirrían las vigas, la vida está pura, simples y grande ante el alma." [32] Da mesma forma, Henry Bachelin citado no livro Poética do Espaço de Gaston Bachelard, imaginava-se longe da cidade e do mundo, num refúgio na Natureza onde conseguia experimentar sensações de puro prazer. *"Eu sentia prazer – e guardava para mim as minhas sensações – em imaginar-nos vivendo no meio dos bosques, numa bem aquecida cabana de carvoeiros: gostaria de ouvir os lobos aguçarem as garras no granito indestrutível da soleira de nossa porta. Nossa casa servia-me de cabana. Via-me ao abrigo da fome e do frio. Se eu tremia, era só de bem-estar." (...) na maior parte de nossos sonhos de cabanas, desejamos viver em outro local, longe da casa atravancada, longe das preocupações citadinas. Fugimos em pensamento para procurar um verdadeiro refúgio."* [33] Em ambas as citações prevalece a felicidade que ambos experienciam quando estão afastados das preocupações que advêm tanto da cidade como da sociedade que a habita. Naquele lugar, tanto na cabana de Heidegger como na cabana referida no documento descrito por Bachelin, o objeto arquitetónico colocava o ser que o habita em contato absoluto com as forças da Natureza. Desencadeando sensações no ser humano que lhe eram desconhecidas. Deste modo *"... o homem, como os outros animais, possui uma necessidade inata de se isolar de outrem de tempos a tempos(...)* necessidade(...)de se refugiar na solidão, para ficarem a sós consigo próprios ou na companhia da família." [34] Um "retiro espiritual", uma necessidade para o bem estar do ser humano. É importante que o homem sinta essa necessidade de fugir do mundo citadino, da urbanização. Reativar a conexão com a Natureza, relembrando-o da dependência que este tem com o mundo natural. Deve deliberadamente experienciar a Natureza, estar em contato direto com ela de maneira a alterar as vivências propostas pela sociedade.



Fig. 15 Chris McCandless, à frente do "mágico autocarro"

RETORNO AO NATURAL

Terminar com a domesticação, e reativar sensações puras, primárias até, e essenciais que devem fazer parte da sua vida.

No livro "Into the Wild" escrito por Jon Krakauer, publicado em 1996, adaptado ao cinema por Sean Penn em 2007, retrata a história verídica de uma viagem que durou dois anos do jovem Christopher McCandless. Este decide, após a sua graduação, doar o seu fundo universitário, e fugir da sociedade e das influências que esta lhe propunha. Christopher procurava uma vida selvagem, viajando sem qualquer dinheiro até às florestas do Alaska, onde acaba por encontrar um autocarro abandonado, fazendo dele o seu próprio abrigo. Naquele entorno, em pleno contacto com a Natureza e as suas adversidades, vivendo apenas do que a mesma lhe fornecia, com uma pequena seleção de livros, Christopher McCandless consegue perceber o significado de viver, dando valor ao que realmente importa, antes de perder a sua vida após ter comido uma planta venenosa. *"You don´t need human relationships to be happy; God has placed it all around us"* [35]

Podem-se tirar desta pequena história alguns ensinamentos, tais como, a decisão de Christopher de abandonar por completo a sociedade em que vivia e deixar de depender do que ela lhe propunha, mostrar a dificuldade de adaptação que o Homem tem sobre as diferentes adversidades que lhe foram apresentadas, a necessidade de procurar um abrigo (autocarro), mas acima de tudo, o real valor e o respeito que a Natureza merece. O filme retrata de uma forma concreta a ligação existente entre Homem e a Natureza, a felicidade, a liberdade e a paz que a mesma lhe proporciona. Christopher procurava encontrar-se a ele próprio através da solidão e do silêncio que só o meio natural lhe conseguia fornecer. *"Para mim, o silêncio da natureza tem o máximo valor. É ai que me sinto mais à vontade."* [36]



Fig. 16 Vista do Oceano, Foz, Porto, retrata a imensidão da Natureza, fotografia do autor, 2018

RETORNO AO NATURAL

Desta forma, com esta sucinta critica feita à sociedade e ao que advém da mesma, pretende-se realizar um projeto num lugar, onde reine o mundo natural. Manifesta-se como uma vontade de fornecer uma fuga ao Homem que vive no gigante citadino, colocando-o integralmente no meio natural, redescobrindo a ligação que deve ter com a Natureza.

Assim, o capítulo seguinte, apresenta como proposta examinar alguns aspetos considerados apelativos relativos à vida mais integrada na Natureza, de maneira a conseguir desenvolver alguns elementos arquitetónicos no meio natural, sem alterar as suas originais ambiências.



Natureza



Fig. 17 Rio de Janeiro, fotografia do autor, 2016

"Look deep into nature, and then you will understand everything better." [37]

Albert Einstein



Fig. 18 Claude Monet, Banks of the seine, 1880

NATUREZA

CONCEITO

"A natureza é aquilo que observamos pela perceção obtida através dos sentidos. Nessa perceção sensível, estamos cônscios de algo que não é pensamento (...) Essa Propriedade de ser autocontido (...) está na base da ciência natural. Significa que a natureza pode ser concebida como um sistema fechado cujas relações mútuas prescindem da expressão do fato de que se pensa acerca das mesmas."[38]

A palavra Natureza na sua amplitude pode oferecer múltiplos sentidos. Deriva do termo latim "natura" refere-se ao mundo natural e aos seus fenómenos. É um universo físico, que engloba toda a flora, toda fauna, toda a essência e origem, todas as propriedades das coisas, toda a matéria e todo o tempo, e ainda muitas outras formas diversas da existência. Refere-se ao curso normal das coisas em todo o espaço terrestre e universal, existe por si mesma.

É nesta linha de pensamento que a citação de Alfred Whitehead converge: assume-se a Natureza como uma identidade real, descrita como o mundo natural e os fenómenos que a ele pertencem, a Natureza é tudo aquilo que cresce, que se desenvolve e acontece sem qualquer intervenção ou ação do homem.

Cabem nesta definição, todas as formas e configurações geográficas (rios, vales, montanhas, desertos, etc...), as mudanças e fenómenos associados ao tempo (as estações do ano, clima, dia e noite, etc...) e ainda todos os seres vivos(vegetação, animais e o homem). Esta definição de Natureza aproxima-se do conceito usado pelas ciências naturais, referindo-se aos seus aspetos mais gerais e fundamentais, colocando-nos como sua parte integrante e não como algo especial dentro dela.

Jiddu Krishnamurti oferece-nos uma definição de Natureza, bastante clara, e é nesse sentido, da sua definição, que se pretende seguir daqui em diante sempre que utilizarmos a palavra.

"O que é a Natureza? A Natureza não é formada pelo pensamento, como é a religião , como é a fé. A Natureza é o tigre, esse animal extraordinário com toda



Fig. 19 Parque da cidade, Porto, fotografia do autor, 2017

CONCEITO

a sua energia e pujança. A Natureza é a árvore solitária no campo, os prados e os bosques; é aquele esquilo que se esconde timidamente por detrás de um ramo de árvore. A Natureza é a formiga e a abelha e todos os seres vivos da terra. A natureza é o rio, não um rio em particular, seja o Ganges, o Tamisa ou o Mississípi. A Natureza é todas aquelas montanhas cobertas de neve, cujas cordilheiras e vales de um azul profundo desaguam no mar..." [39]

Desta forma, e como já foi referido anteriormente, este é o conceito de Natureza que se pretende seguir daqui em diante, quando se refere e se fala do termo Natureza.





Fig. 20 Parque da cidade, Porto, fotografia do autor, 2017

BELEZA DA NATUREZA

Qual será a nossa relação com a Natureza? Alguns de nós não temos consciência dessa relação. Tomemos como exemplo uma árvore. Uma árvore é muito mais do que a sua madeira, muito mais do que a sua sombra, *"A árvore é um desejo dos homens..."*[40] , observamo-la com o intuito de a usar, e nunca compreendemos a real essência da mesma, nunca a tocamos nem sentimos a sua robustez, não ouvimos o seu som, não o som do vento quando remexe as suas folhas, mas sim o som da árvore, o silencio que nos fornece, que está contido na mesma, *"Isto não é sentimentalismo nem imaginação romântica; é a realidade de uma relação com tudo o que vive e mexe à face da terra."*[41]

Observar uma floresta, uma estrela ou uma flor, como se nunca as tivéssemos visto, sem expetativa de que algo possa acontecer, apenas numa atitude contemplativa. Nesse olhar há aprendizagem. Um olhar profundo, atento, afetivo, que consegue ver, eternidade, paz e amor. É nesta atitude que conseguimos captar a verdadeira beleza do natural. Uma beleza que transcende o próprio Homem e todos os conceitos que possamos elaborar para a tentar definir na sua essência. É este maravilhoso entorno natural que nos rodeia, desde o seu céu azul, ao verde jardim que pisamos. O jardim que materializa o milagre da simples flor que brota. A mesma flor que colhemos, e oferecemos para demonstrar o nosso amor a alguém. Uma beleza incontrolável, extasiante, quase impossível de enunciar.

Peter Zumthor, um amante da contemplação, revela-nos que *"A beleza da natureza toca-nos como algo grande que nos transcende. O homem vem da natureza e a ela torna. Tomamos consciência de uma ideia de proporção da nossa vida na imensidade da natureza quando encontramos uma paisagem bonita que não domesticamos nem ajustamos a nossa medida. Sentimo-nos em boas mãos, humildes e orgulhosas ao mesmo tempo. Estamos na natureza, nesta moldura grande que, no fundo, não percebemos e que agora, no momento da*



Fig. 21 Marrocos, fotografia do autor, 2018

experiencia acrescida, também não precisamos de perceber, porque sentimos que nós próprios fazemos parte dela.

Olho para a amplidão da paisagem. Olho para o horizonte do mar. Olho para a massa da água. Ando sobre os campos até ás acácias, contemplo as flores do sabugueiro, o zimbreiro. Fico Calmo." [42]

Observamos a Natureza intacta, caminhamos sobre a terra, mergulhamos no oceano, respiramos o seu ar, sentimos o seu cheiro, experimentamos todas as suas formas e ela revela-se-nos sempre como uma força, uma fonte de energia inesgotável, que cria e gere a sua vasta diversidade de elementos. Um baralho ordenado, perfeito no seu lugar e na sua dimensão, *"...la naturaleza es económica de su belleza más grande y prodiga su belleza inferior; pero la flor es, sin embargo, tan frecuente como la hoja, porque en todas partes donde se de una se dará ordinariamente la otra, cada una en la proporción que le está asignada."* [43]

Um vasto cenário de detalhes, que se encontram num equilíbrio perfeito. Quando observamos as suas diferentes combinações, a variedade das suas formas e estruturas, materiais, cores, cheiros e texturas, percebemos o quão extraordinária é a Natureza. A sua diversidade promove uma procura pelo desconhecido, uma vontade inigualável de querer explorar e observar a paisagem quase inalcançável. Não será por acaso que os alpinistas se propõem sempre subir ao ponto mais alto, arriscando a sua vida, na procura de querer ver algo que poucos viram. Tal como os mergulhadores que imergem no vasto e imenso oceano sentindo o peso da água na busca de algo novo.

A paixão pelo natural torna-se real assim que o Homem sente as suas qualidades orgânicas que o agradam e cativam. É como se, a partir desta comunhão com a Natureza o ser humano consiga sentir-se repleto de energia e vontade de viver. *"Eu contemplava o jardim de maravilhas do espaço com o sentimento de olhar mais profundo, o mais*



Fig. 22 Marrocos, fotografia do autor, 2018

secreto de mim mesmo; e sorria, pois nunca me imaginara tão puro, tão grande, tão belo!" [44]

A sua beleza é extraordinária e incomparável *"Todas las bellas formas y los bellos pensamientos están tomados directamente de los objetos naturales, me vería autorizado con gusto á asegurar que todas las formas que no estuviesen tomadas de los dichos objetos naturales, son necesariamente feos."* [45]

Por muito que o ser humano se empenhe em reproduzir as suas formas e a sua beleza o objeto artificial nunca tem a autenticidade daquele que provém da Natureza. Na Natureza não há truques nem artefactos, tudo tem e segue a sua própria regra e ordem. Nasce, cresce e morre num retorno a si permanecendo assim na sua própria existência. O artista que procura encontrar beleza no objeto artificial, primeiro deve compreender a Natureza de maneira a assegurar que projeta algo que se assemelhe ao encanto das formas naturais. Porque, quer seja um pequeno detalhe, uma bela árvore, ou uma paisagem inóspita, é inevitável dizer que a beleza não existe no mundo natural, *"...en lo alto de una montaña, en un paisaje natural puro, mi sensación de fondo es siempre de belleza. Incluso cuando los paisajes naturales son ásperos, duros, hoscos o inhóspitos, o incluso cuando me producen miedo, nunca parecen feos."* [46]

A Natureza oferece-nos a maior das dádivas, deixando-nos fazer parte deste todo e permitindo que nos extasiemos a todo o momento com a sua beleza *"Se estivermos directamente em contacto com a Natureza, se observarmos o movimento de um pássaro em pleno voo, olharmos para a beleza de cada movimento do céu, observarmos as sombras nas colinas ou a formosura de um rosto, acham que alguém quererá visitar um museu para ver um quadro?"* [47]

Na diversidade da observação que fazemos da Natureza, quer seja sentado numa duna de areia no meio do deserto, quer seja navegando no vasto oceano que conhecemos, perdido na floresta mais tropical ou na mais simples planície



Fig. 23 Timor-Leste, fotografia do autor, 2016

que conseguimos imaginar, percebemos que não existe nada que se compare a esta moldura incrível de que o Homem faz parte. Se o Homem estiver presente, observar e sentir a beleza do meio natural, compreenderá que não existe nada mais que o satisfaça de tal forma.

Algo de maravilhoso acontece quando escavamos a terra com as nossas mãos, ou escutamos um pássaro a cantar e a voar sobre nós, ou então o tom azul do céu que se dissolve e funde no horizonte perdendo-se no mar, ou ver daquela pequena semente brotar uma flor ou uma árvore. Todos sabemos que *"Um dos maiores mistérios do mundo é o modo como a beleza orgânica brota silenciosamente do solo."* [48]

A beleza de cada dia que renasce, cada novo nascer do sol, cada nova manhã, dá-nos a perceber a maravilha do mundo natural e a vantagem de fazer parte dele. Sentimos que é um privilégio fazer parte da beleza e da complexidade deste mundo e das imensas espécies que integram a Natureza *"A terra mãe é um símbolo do ventre generoso que dá alimento, vida e vitalidade a todos os que vivem nela"* [49] É esta casa sem fronteiras, repleta de inúmeras riquezas que nos fornecem vida, da qual depende a nossa existência, *"Mother earth is implored to make things grow so that they may eat and live, to make water flow so that they may drink, and to keep the ground firm so that they can walk on it."* [50]

O amor pela mãe Natureza deverá ser instintivo e abrangente à espécie humana. Quando nos deixamos habitar pela capacidade de observar, sentir e até amar a Natureza, este sentimento impele-nos a protege-la pois não magoamos aquilo de que gostamos. Deve preservar-se a sua beleza, respeitar e cuidar a sua essência, para que no futuro as gerações vindouras possam vivenciar as mesmas ou ainda melhores experiências que a Natureza nos pode oferecer. Sabemos que a Natureza é a verdadeira detentora da verdade, *já "Santo Agostinho, verdadeiro platónico, dizia que "A natureza é o maior mestre da verdade."* [51]

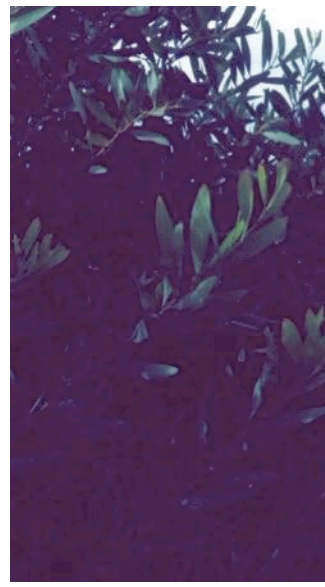


Fig. 24 Praia S.Pedro da Maceda, Ovar, fotografia do autor, 2015

BELEZA DA NATUREZA

Inevitável será dizer que todos nós apreciamos os momentos agradáveis que nos proporciona o natural, *" A planície é o sentimento que nos faz crescer."* [52] A liberdade e a felicidade que sentimos quando penetramos em paisagens que nos tiram o fôlego é única. Como ser indiferente ao pôr do sol que nos invade e nos transmite uma sensação maravilhosa? À brisa do vento que nos faz inspirar e sentir a frescura do ar? À imensidão do oceano que nos torna metaforicamente minúsculos quando imaginamos a verdadeira dimensão da água que abraça o planeta? Estes são alguns dos efeitos mais profundos e de rara beleza que a Natureza nos causa. Entre muitos outros que não nos deixam negar a impressão notável que a Natureza têm sobre nós, lembrando-nos da beleza da vida e de todo o seu esplendor. Conclui-se assim que *"O homem e a natureza parecem, de algum modo, metamorfoseados e em harmonia".* [53] E, é nessa harmonia, que o Homem, neste universo impressionante, neste paraíso em que vive, deve dar uso ao verdadeiro sentido da palavra "beleza", porque *"Viver em harmonia com a Natureza dá origem a um mundo diferente."* [54]a um mundo melhor.





Fig. 25 Giuseppe Penone, La mano che resiste, 1969

DESPERTAR DOS SENTIDOS

"Hablando con rigor, nunca contemplo el paisaje. Experimento sus cambios horarios, día y noche, en las grandes idas y venidas de las estaciones. La gravedad de las montañas y la pesantez de su roca primigenia, el lento y deliberado crecimiento de los abetos, el brillante y sencillo esplendor de las praderas en flor, el correr del arroyo de montaña en la larga noche de otoño, la austera sencillez de las llanuras cubiertas de nieve; todo esto cambia y fluye y penetra la diaria existencia allá arriba." [55]

Despertam-se os sentidos quando a Natureza nos toca. É inevitável, ela faz com que nos sintamos bem, vivos e em boas mãos. Sentimos grande admiração e inspiração pelo ambiente natural, este seduz os nossos sentidos, mostrando-nos as suas qualidades orgânicas, as suas formas plásticas e o seu imponente e intimista erotismo que nos convida a viver. Contemplar a paisagem é relativamente diferente de experimentá-la. Entrar na paisagem significa, penetrar nela, sentir e viver usando os sentidos. É estar atento ao mundo natural que nos rodeia, com toda a plenitude dos nossos sentidos. Estar em comunhão com a Natureza, fazendo parte integral da mesma. Significa saber ouvir o pássaro que canta, sentir a brisa que sopra no rosto, diferenciar o cheiro fresco da Primavera, e observar a elegante caminhada do gato. Em suma, significa saber observar para além dos elementos físicos descritos porque *"...nunca olhamos à nossa volta, nunca contemplamos a Lua? Olhem para ela. Observem-na com os olhos e ouvidos, com a plenitude dos sentidos. Cheirem. Observem. Olhem como se fosse a primeira vez.(...) É uma sensação extraordinária, a maravilha, a singularidade, o milagre de uma manhã nova que não existiu antes, nem existirá depois. Estejam realmente em comunhão com a Natureza e não presos à sua descrição verbal; façam parte dela, sejam conscientes, sintam que pertencem e que são capazes de ter amor por tudo aquilo, que conseguem apreciar, o veado, o lagarto que trepa pela parede, aquele ramo partido no chão.*



Fig. 26 Foz do Douro, Porto, 2018

NATUREZA

DESPERTAR DOS SENTIDOS

Olhem para a primeira estrela que surge no céu ou para a lua nova, sem a palavra, sem dizer simplesmente como é bonita e virar-lhe costas, atraídos por outra coisa qualquer; observem aquela estrela isolada e a delicada lua nova como se fosse a primeira vez." [56]

A dádiva dos cinco sentidos, permite-nos compreender em simultâneo as várias visões do mundo sem que as mesmas nos cofundam. Os nossos sentidos estão sempre ativos em busca de estímulos novos. Assim, esta informação constitui a forma como cada um de nós perceciona o planeta que nos rodeia, sendo que cada imagem se desenha de maneira distinta para cada ser humano que a vê e compreende.

Atualmente, num mundo pautado pela tecnologia e por fontes inesgotáveis de informação, o Homem deixou-se alhear por completo do mundo natural, possibilitando que toda esta evolução o dominasse por completo. O mundo das formas, dos mapas, das estratégias, dos objetivos, prazos e metas, fez com que o Homem se esquecesse de como é vital estar consciente do mundo que o rodeia, dos dados sensoriais e das muitas outras dimensões da nossa vida. O retorno à nossa origem para sabermos quem somos. *"A primeira coisa que eu peço ás pessoas, é irem a natureza e ver se conseguem estar sentadas durante cinco minutos, a experienciar a natureza com todos os sentidos, sem pensar."* [57] Com esta pequena-grande proposta, longe da tecnologia e da informação, o Homem poderá ver, sentir e experienciar claramente a envolvente natural que o rodeia, mas apenas se o quiser verdadeiramente. Apenas assim poderá voltar a desenvolver a aptidão necessária para utilizar, em plenitude, os seus cinco sentidos. Para o ser humano, este tema tem grande importância sendo que é através dos sentidos, que contemplamos paisagens, sentimos o prazer do perfume do jasmim, o toque da pessoa amada, ouvimos uma música profunda, ou saboreamos o prazer de um gelado num dia quente de verão.



Fig. 27 Parque da cidade, Porto, representa a textura, fotografia do autor, 2017

DESPERTAR DOS SENTIDOS

Para além disso os sentidos estão intimamente ligados à memoria. É a partir das memórias dos sentidos que podemos sedimentar um futuro mais ligado à Natureza se assim o quisermos. Desenha-se o futuro através de experiencias passadas. Assim os sentidos ganham um papel fundamental na ação do Homem, dai a intenção de os fazer reviver.

A audição é o sentido que nos permite captar os sons, auxiliando o Homem na perceção do que o rodeia . Em ambientes desconfortáveis, a audição pode despertar o medo e a desconfiança se não soubermos a origem desses sons. Por outro lado, também nos consegue oferecer uma sensação de bem-estar quando escutamos o encantador dançar das folhas ao sabor do vento, o som ininterrupto das marés, ou o som da chuva e da tormenta que nos conforta quando estamos protegidos.

O Olfato *"It would seem that our nose, no less than our eyes, seeks to enlarge and comprehend the world."*[58] Através da informação recolhida pelo olfato, o Homem consegue descodificar através do cheiro alguns dos ambientes em que se encontra. Através do olfato conseguimos distinguir cheiros, tais como a pureza e frescura do ar, os cheiros inebriantes da chegada da primavera, ou aquele odor da terra molhada nos dias de chuva que nos proporciona uma inexplicável sensação de familiaridade..

O tato *"De todos os sentidos(...) é o mais pessoal."*[59] revela-se através da pele, e permite perceber a verdadeira textura dos diferentes materiais, assim como a temperatura dos objetos. Sem a informação captada pelo tato, a percepção que temos do mundo seria completamente diferente. O Homem não conseguiria detetar a dor, nem a variação de temperatura. Sensações tais como a do frio da água a passar entre os dedos, o calor dos raios solares que irradiam no nosso corpo, a textura rugosa de um tronco de uma árvore, que se contrapõe à suavidade do algodão, seriam completamente impossíveis de descrever.



Fig. 28 Matosinhos, representa a perceção, fotografia do autor, 2018

DESPERTAR DOS SENTIDOS

O paladar, é o responsável por garantir a percepção do sabor e textura dos alimentos. Através do mesmo conseguimos satisfazer a sede ao sentir a frescura da água das nascente, conseguimos distinguir o salitre existente na água do mar, bem como os diferentes sabores e aromas dos variados alimentos que vamos experimentando ao longo da nossa vida.

Por fim a visão, *"Os olhos passam em geral por ser a maior fonte de informação que o homem possui."*[60] É a responsável pela criação de uma imagem a partir das informações retirados do meio. Este sentido unifica todos os outros, dá uma forma própria aos diferentes elementos que nos rodeiam. Com a visão o Homem contempla qualquer paisagem imponente, ou analisa um pormenor por mais minúsculo que seja desde que a sua visão lho permita captar.

Os nossos sentidos são afetados por toda a matéria e energia que constitui o meio ambiente, colocando o Homem em contato com as forças naturais. Com a totalidade de todos os nossos sentidos conseguimos decifrar o mundo na sua forma mais primária *"... o que percebemos não é nunca a sua realidade, mas apenas a repercussão das suas forças físicas sobre os nossos órgãos sensoriais."*[61]

Já todos cerramos os olhos perante uma paisagem que nos afeta deixando-nos envolver , como se quiséssemos guardar esse momento dentro de nós. Imaginem o que seria acordar de manhã e saber que o sol não iria nascer?

Paremos, observemos e experimentemos a Natureza. Abrir os olhos para ver o que já foi visto, mas que efetivamente ficou por ver, porque olhar, é diferente de ver *"A ideia de que é preciso <<aprender a ver>> nunca passa pela cabeça de ninguém. No entanto, uma vez reconhecida, tal ideia revela-se muito mais esclarecedora do que a antiga hipótese..."*[62] Sabemos que o dia vai ser sempre diferente da noite, assim como o frio será do calor, e, consciente ou inconscientemente, o nosso corpo habituou-se a estas certezas que possivelmente todos reconhecemos. Desde pequeno que o nosso corpo se foi adaptando a elas,



Fig. 29 Praia de Matosinhos, representa o contato entre o Homem e a Natureza, fotografia do autor, 2018

variando de individuo para individuo dependo do seu aparelho sensorial, e do modo como este se habituou a reagir.

Sentimos conforto quando estamos na Natureza, não é por acaso que adormecemos fácil e tranquilamente debaixo da sombra de uma árvore, ou esperamos ansiosamente pelo pôr do sol, ou ficamos perplexos a olhar para a imensidão das estrelas. Cada um de nós tem a sua forma distinta de dimensionar e sentir a Natureza, cada um tem a sua perspetiva e modo de viver, mas acredita-se que uma das condições para a felicidade, só existe se o elo entre o Homem e a Natureza persistir. Como dizia Leo Tolstoy: *"one of the first conditions of happiness is that the link between Man and Nature shall not be broken"* [63]

"Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar..." [64]



Fig. 30 Praia de S.Pedro da Maceda Ovar, fotografia do autor, 2017

SILÊNCIO

O Silêncio é ali, dentro de nós e nós dentro da Natureza. É aquele momento a sós, num estado meditativo, numa atmosfera de tranquilidade, fugindo à agitação quotidiana. O Homem sente a paz existente. É uma paragem no tempo que nos pode transportar para a reflexão e para a tomada de consciência do que vive no nosso interior. *"Todo sonhador solitário sabe que ouve de outra maneia quando fecha os olhos. Para refletir, para escutar a voz interior..."*[65] O Homem vive preocupado com as problemáticas que o envolvem, procura o silêncio, não um silêncio qualquer, mas aquele que se encontra na Natureza e que lhe permite pensar, questionar e refletir. Quando o encontra, o ser humano, respira, sente as qualidades orgânicas do meio e pode entrar num estado de espírito meditativo.

Naquele momento, não existe nem ser humano nem Natureza. Os dois agregam-se, e completam-se. *"Vocês e a Natureza encontram-se em silêncio absoluto. Nesse estado em que estão imersos, tanto o observador como o observado(...) nesse silêncio há uma qualidade diferente de beleza. Não há nem natureza nem observador. Há um estado de espírito íntegro, completo; estão sós, não em isolamento, mas em quietude e esse quietude é beleza."*[66]

O Homem imerge no mundo natural, fazendo assim parte daquilo que o rodeia, criando um círculo virtuoso entre si, a Natureza e a sua própria alma. Encontra estados de espírito que certamente, sem o misticismo e a beleza da Natureza, não conheceria. Explora a psique, convertendo-se num ser mais calmo, relaxado, que ama o entorno natural e aquilo que o mesmo lhe fornece. Pois não existe nada que se assemelhe às *"... liberdades que o espírito toma com a natureza"*[67]

Consequentemente, é legítimo afirmar que a simbiose entre o humano e o natural é inequívoca. Esta união é o veículo utilizado pelo Homem para se conseguir abstrair do mundo agitadamente tecnológico em que vive, tirando máximo partido do luxo que é a simplicidade, e disfrutando do silêncio e do alívio que o mesmo lhe proporciona quando revela a sua imponência invisível, que lhe



Fig. 31 Parque da cidade, Porto, Mostra a tranquilidade do mundo Natural, fotografia do autor, 2017

devolve a alegria e o prazer de viver. Assim, com os olhos abertos, *"Fui-me tornando cada vez mais atento ao mundo do qual eu era uma parte. Não me sentia aborrecido nem interrompido. Estava só comigo e com os meus pensamentos e ideias. (...)Tornara-me uma extensão de tudo o que me rodeava. E dado que não tinha ninguém com quem falar, iniciei uma conversa com a natureza."*[68] Um diálogo, que enriquece a sintonia com o mundo natural. Um processo de consciencialização do Homem como parte integrante da Natureza para descobrir verdadeiramente aquilo que o silêncio da mesma tem para nos oferecer. Esta descoberta revela-se como uma sensação de paz e harmonia, uma liberdade absoluta, que estimula o bem-estar humano. A vontade de voltar a parar no tempo e mergulhar no mundo natural, será cada vez maior, transformando o desejo dessa procura numa necessidade. Ainda assim, as dificuldades de encontrar estas janelas de tempo e de silêncio são cada vez maiores, visto que *"o nosso mundo é tão barulhento"*[69], *mais* ainda para o cidadão que diariamente vive rotinado pela rapidez da informação e cercado do bulício citadino, pois *"Quando estou em casa, há sempre um carro que passa, um telefone que toca, ou faz ping ou zumbe, alguém fala, sussurra ou grita. Há tantos ruídos que mal os ouvimos a todos. Aqui era diferente. A natureza falava comigo através do silêncio. Quanto mais silencioso eu ficava, mais ouvia."*[70]

A Natureza é uma fonte de reflexão infinita, porque a sua quietude induz nos humanos um estado meditativo e de melhoramento pessoal *"El silencio, la humedad y la naturaleza ayudan a las personas a meditar y a sumergirse completamente en el paisaje."*[71] Um passeio no parque, na floresta ou na praia produzem uma quantidade inumerável de estímulos que promovem o bem-estar humano. Este confronto com a Natureza ajuda o Homem a regenerar-se do stress do quotidiano. Não é por acaso, que o ser humano gosta de se perder nas paisagens naturais mais próximas. Assim *"…nature is resilient and can provide*



Fig. 32 Foz do Douro, Porto, o Silêncio do Oceano, fotografia do autor, 2018

a source for reflection, catharsis, and regeneration in an age of stress and overproduction." [72]

Mergulhando no silêncio que a Natureza nos oferece, o Homem "perde-se" no labirinto dos seus pensamentos. O silêncio não se fecha em si, abre-se e habita o interior dos humanos de forma necessária e inesperada.

Fecham-se os olhos e ouve-se o que a Natureza tem para contar. O seu silêncio não é silencioso nem completamente mudo, a Natureza tem a sua maneira de comunicar, a sua forma de interagir e alterar os nossos estados de espírito. Adormecemos no silêncio da noite, tememos o som da tempestade, adoramos a tranquilidade dos pingos da chuva, e receamos o soprar do vento. São estes momentos que mais rapidamente nos colocam em pleno contacto com a Natureza, relembrando-nos que fazemos parte da mesma. *"What gives a better sense of calm than the sea at rest, or of exuberant energy than the primeval forest, or of vastness than the endless sweep of the plains?"* [73]





Fig. 33 Vilar do Pinheiro, Vila do Conde, fotografia do autor, 2017

LUZ

"(...) tenho de admitir que a luz do dia, a luz sobre as coisas ás vezes me toca de uma forma quase espiritual. De manhã, quando o sol renasce – o que não deixo de admirar, é mesmo fantástico, volta todas as manhãs- e ilumina as coisas. Surge então esta luz que não parece vir deste mundo! Não percebo esta luz. Tenho a sensação que existe algo maior, que não percebo. Estou contente, estou imensamente grato que isto exista." [74]

A luz natural é um elemento primordial da nossa vida. Fornecida pelo sol, é a nossa maior fonte de energia, dependendo dela a nossa existência no mundo, expondo uma condição limite à vida no Planeta.

A luz natural ilumina os nossos dias, dá cor e sentido aos diferentes objetos que nos rodeiam e sem ela, nada do que conhecemos hoje existiria. Desta forma deveríamos estar imensamente agradecidos pela sua existência. *"Se eu fosse presidente, usaria o meu discurso de posse para desafiar toda a gente a agradecer cada vez que o Sol nasce e demonstrar gratidão por tudo o que faz por nós."* [75]

A luz natural surge como algo quase divino, atingindo-nos de variadíssimas formas, física e animicamente. Produz em nós as mais variadas emoções, influenciando decisivamente os nossos estados de espírito. Não temos plena consciência do bem que esta nos faz. É a luz que nos dá vitalidade, assim devemos sentir gratidão por saber que o sol renasce todos os dias.

A luz constrói o seu caminho conforme decorrem as horas, mostrando uma constante transformação, modificando as várias ambiências no decorrer do dia. Começamos com a luz suave e límpida da manhã que vai aumentando o seu brilho conforme o sol vai subindo. A força do calor e a tonalidade viva e ofuscante que este imprime à luz do meio-dia vai-se dissolvendo dando lugar a tons mais desmaiados de amarelos e laranjas, caraterísticos da paisagem ao entardecer. *"À medida que o sol vai surgindo lentamente acima do horizonte, acima das árvores, esta árvore em particular torna-se subitamente dourada.*



Fig. 34 FAUP, Campo Alegre, Porto, fotografia do autor, 2018

LUZ

Todas as folhas irradiam o brilho da vida e, à medida que as horas passam, enquanto a observamos, essa árvore(...) parece espalhar uma propriedade extraordinária sobre a terra, sobre o rio. Quando o sol se ergue um pouco mais, as folhas começam a agitar-se, a dançar e cada hora parece conceder àquela árvore uma propriedade diferente. Antes do sol nascer, dá uma sensação sombria, tranquila, distante, cheia de dignidade; à medida que nasce o dia, as folhas dançam à luz do sol e transmitem-nos aquela sensação peculiar de grande beleza. Por volta do meio-dia, a sua sombra intensifica-se e podemos sentar-nos protegidos do sol sem nunca nos sentirmos sós, com a árvore como companhia. Aí sentados, apercebemo-nos de uma relação de intensa segurança e uma liberdade que só as árvores podem conhecer." [76]

Tal como na Natureza, a luz é um elemento fundamental no processo e construção de arquitetura. Permite apreciar e construir as diversas qualidades do espaço, tornando-se talvez num dos elementos com maior influência visto ser responsável pela criação das diversas atmosferas que constituem o espaço. A luz natural torna as ambiências dos espaços mais inspiradoras e atrativas. Sendo que na falta de luz, os espaços tornam-se menos apelativos, manifestando-se o medo e a desconfiança que se escondem por de trás daquele preto e escuro manto.

Afirma-se que luz está sempre associada a uma noção de temporalidade que se altera conforme o tempo caminha, a *"luz constrói o tempo"* [77]como dizia Campo Baeza. A sua intensidade varia de minuto para minuto, mostrando assim a textura e o corpo do tempo. A sensação de tempo na Natureza é outra, como se parasse e se conseguisse tocar-lhe com as mãos. Tudo cresce sem pressas, e com a sensação de querer perdurar. Mas nada é eterno, tudo tem um início e um fim como a folha que cresce, e depois cai lenta e suavemente até atingir o solo. Existe uma suspensão de tempo na Natureza, que transporta o Homem para um



Fig. 35 Jardim Botânico, Rio de Janeiro, fotografia do autor, 2016

mundo mais calmo e lento, como se ali só ele existisse, e ali quisesse permanecer. *"El paisaje me transmite libertad y paz. La sensación del tiempo en la naturaleza es otra. El tiempo es grande en un paisaje, mientras que en un entorno urbano se condensa, como el espacio."* [78] Assim como o tempo se condensa no ambiente urbano, a luz consequentemente tambem se reduz, deixando que reine o mundo das sombras. Sabe-se que a luz vem sempre acompanhada da sombra, o jogo entre estes dois elementos é reciproco, onde um existe inevitavelmente existe o outro. *"E para tornar a luz presente, para a tornar sólida, é preciso a sombra. A combinação adequada de luz e sombra(..), costuma arrancar-nos as lágrimas e invocar a beleza e o silêncio."* [79] Estes dois elementos atribuem escala e dimensão às coisas que nos rodeiam, podendo aproximar-nos da textura com um simples olhar. Formam dos mais interessantes padrões, sejam eles na floresta, no deserto, ou mesmo no brilho do oceano. Um completa o outro, e os dois agradam-nos da melhor forma. *"Vejo-me atravessado por raios, lacrado pelo sol e pela sombra... Habito uma grande espessura... O abrigo me chama. Afundo o pescoço em seus ombros de folhagens... Na floresta, sou eu integralmente."* [80]















Fig. 36 Referências Natureza

Fig.1, 2, -Parque da cidade, Porto, fotografia autor, 2017

Fig.4-Jardim Serralves, Porto, fotografia autor, 2017

Fig. 3, 5, 6-Parque Municipal da Quinta da Conceição, Leça da Palmeira, fotografia autor, 2017

REFERÊNCIAS

O momento de observar, experienciar, e estudar alguns casos é inevitável. A escolha incidiu sobre 6 exemplos concretos, e um estudo um pouco mais detalhado sobre a Land Art.

Deste modo foram exemplos o parque da Cidade do Porto, O parque Municipal da Quinta da Conceição em Leça da Palmeira, o Parque de Serralves, os Passadiços de Paiva em Arouca, a Quinta das Lágrimas em Coimbra, e a Praia de São Pedro da Maceda no distrito de Ovar.

Estas escolhas entre, muitas outras, destacam-se pela tentativa de colocarem o Homem em pleno contato com a Natureza, e pelas experiências tão agradáveis que fornecem. Foram fundamentais para a conceção do projeto que se segue.

- O Parque da Cidade do Porto, dispõe de 83 hectares de desenho subtil que se incorpora na cidade, e se estende até ao mar fazendo dele o maior parque urbano do país. Os seus percursos, interrompidos por alguns elementos que nos envolvem particularmente na paisagem, os seus grandes espaços que nos convidam à paragem e ao repouso, a sua vasta variedade de vegetação e os seus grandes lagos repletos de vida animal, tornam esta referência, um exemplo claro da necessidade que o homem tem de fugir à cidade, em qualquer dia, encontrar-se sempre alguém a usufruir deste parque.

- O Parque Municipal da Quinta da Conceição localizado em Leça da Palmeira, sofreu alguns melhoramentos desenhados pelo arquiteto Fernando Távora, e o arquiteto Álvaro Siza. Este parque torna-se num espaço de lazer enorme, repleto de tradição e história. Os seus percursos organizam-se através dos vestígios arquitetónicos e paisagísticos. Introduzidos mais tarde, muros, pavimentos, esculturas e alguma vegetação, mostram e prolongam esses vestígios.

- O Parque de Serralves localizado na cidade do Porto, engloba o Museu de Arte Contemporânea que foi projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, funde-se harmoniosamente com a paisagem envolvente. O parque oferece ao homem a

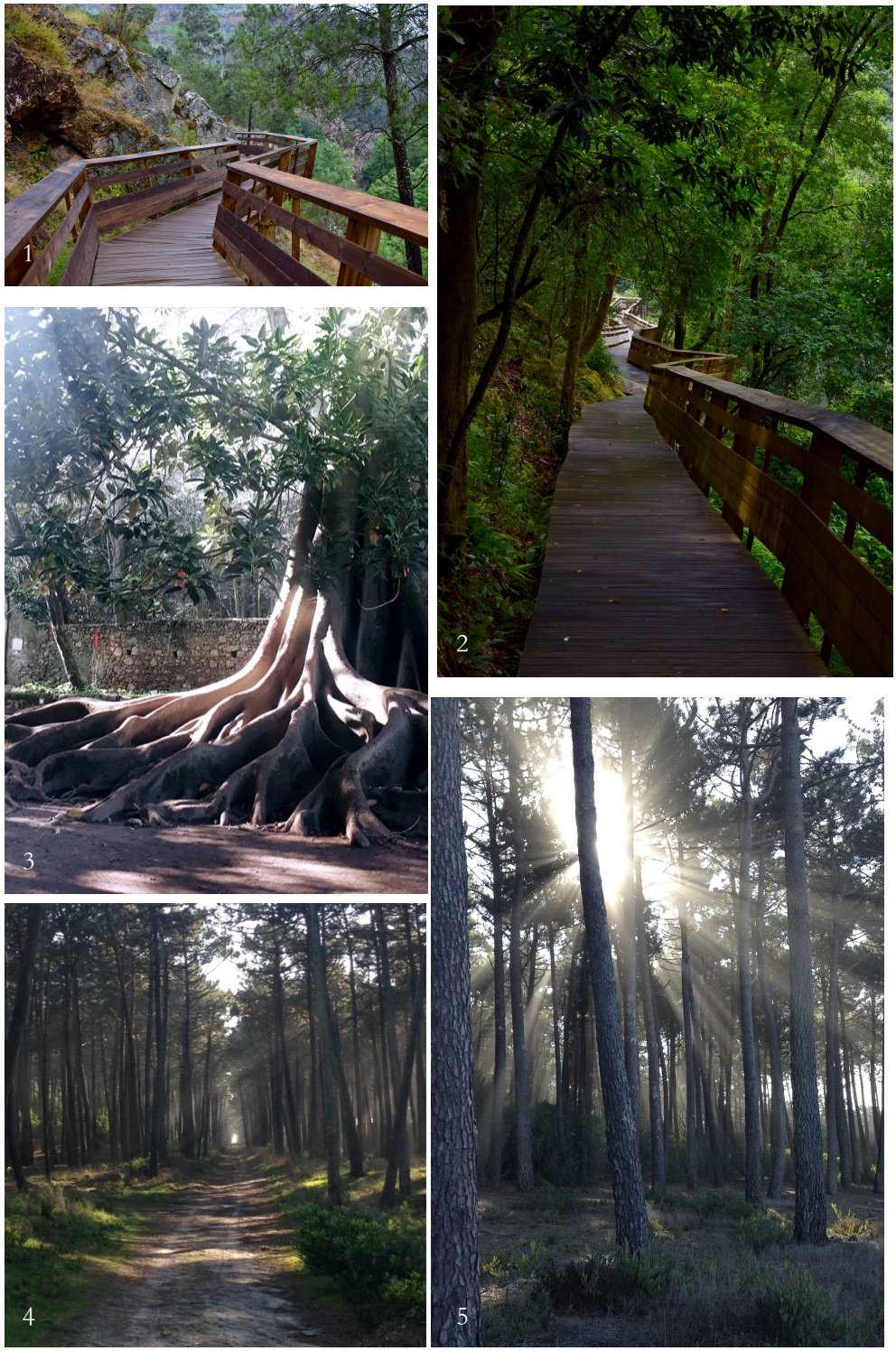


Fig. 37 Referências Natureza

Fig.1, 2, -Passadiços do Paiva, Arouca, fotografia autor, 2017

Fig.3-Quinta das Lágrimas, Coimbra, fotografia autor, 2017

Fig. 4, 5 - Praia de São Pedro da Maceda, Ovar fotografia autor, 2017

oportunidade de estar em pleno contato com a Natureza, e ao mesmo tempo observar obras contemporâneas que coabitam perfeitamente na paisagem. Repleto de belas paisagens e espaços subtilmente interligados este é um exemplo da arquitetura paisagística do séc. XX.

- Os passadiços do Paiva, localizados na margem do Rio Paiva, proporcionam ao homem o prazer de desfrutar da Natureza no seu estado quase puro, a forma como abrem caminho serpenteando pela montanha e estão inseridos nestas paisagens pitorescas incrivelmente belas, tornam a obra fenomenal, proporcionando vistas incríveis que tornam o passeio de início ao fim uma experiência extraordinária. Este exemplo retrata a vontade de querer mostrar ao Homem a beleza da Natureza, colocando-o em pleno contato com a mesma.

- A Quinta das Lágrimas em Coimbra, conhecida pela sua história de amor entre Pedro e Inês, e pelos seus jardins, constitui um verdadeiro museu vegetal. O jardim tem um semblante de rara beleza ornamentado por uma Natureza extasiante. Santuário de paz e contemplação a sua beleza natural fornece a quem o visita um local sossegado, uma espécie de "retiro espiritual", proporcionando momentos de reflexão e meditação.

- A praia de São Pedro da Maceda no distrito de Ovar, conhecida por muitos surfistas pelas suas ondas, oferece ao homem um ambiente selvagem, constituído por uma mata de pinhal que se estende até ao mar. Esta mata com a sua vasta vegetação, no seu estado mais puro, deslumbra com a sua mítica neblina, e o jogo de luz e sombra criado pelos raios de sol, que parecem ter corpo.

A combinação do mar com o parque florestal, tornam o local simbólico e ideal para quem procure fugir do meio urbano e mergulhar na Natureza no seu estado mais primário. É uma referência significativa no estudo da Natureza.



Fig. 38 Richard Serra, East-West \ West-East

NATUREZA

LAND ART

A Land Art surge nos finais da década de 1960, devido ao aumento do interesse ecológico, da insatisfação da monotonia cultural e como forma de expressão de desapontamento face ao avanço da tecnologia. A Land Art foge dos espaços comuns de exposição, trabalhando a paisagem, fundindo-se com ela. *"El land art constituyó uno de los métodos mediante los cuales se inició la recuperación del paisaje y su consideración como lugar de acción."* [81] Tem como intenção aproximar o Homem da Natureza, envolvendo-o de forma direta com o mundo natural. Esta interação com a Natureza pretende levar o Homem às suas origens e faze-lo repensar sobre a sua atividade nos diversos ambientes. Este choque emocional que ocorre através desta interação com o natural, pretende que nos questionemos sobre a nossa existência, e a nossa posição face ao lugar que ocupamos na Natureza. *"...the art here is not the subject. The subject is the place and the viewer´s own experience of this place, through the agency of the work."* [82]
Existem algumas formas distintas de intervenção usadas pela Land Art para responder à relação entre a ação humana e a Natureza.
A manipulação dos elementos naturais existentes no local é uma delas. Desta forma os artistas adicionam, removem ou movimentam os elementos naturais de forma a criar uma escultura que dê ênfase à materialidade, às geometrias elementares e ao próprio local. Pretende que nos questionemos sobre o que é artificial ou natural, refletindo sobre a forte atividade que o Homem tem sobre a Natureza, sem a desrespeitar.
Carateriza-se pela introdução cuidada de elementos de caráter artificial na paisagem natural, onde ambos os elementos contêm uma importância similar, existindo entre eles equilíbrio e revelando o melhor dos dois mundos. Alguns artistas distinguem-se pelo envolvimento profundo com a paisagem, pois os seus trabalhos estão rigorosamente relacionados com lugar.



Fig. 39 Michael Heizer, Planar Displacement, 1941

LAND ART

Outra foca-se principalmente no artista e a relação que o mesmo tem com o local. A escala do seu trabalho está relacionada com a forma humana e pretende demonstrar o elo primário e simbólico que deve existir entre o Homem e o mundo. Um exemplo seria, o artista caminhar sobre um terreno e alinhar alguns elementos naturais que marcassem o seu percurso.

Ambas as manifestações artísticas, mostram um equilíbrio entre a ação humana e a Natureza, persistindo sempre uma forte ligação entre o Homem a arte e a Natureza.

"A arte site-specific procura enfatizar a percepção consciente do lugar e reiterar suas ligações temáticas com o seu contexto particular." [83]

Site-specific, está ligado ao movimento da Land Art, é realizada em função de um determinado sítio onde se pretende atuar. O artista deve ter em conta a localização e as caraterísticas físicas e dinâmicas do mesmo. É uma procura entre a ligação da obra ao lugar decorrente das vivencias da próprio autor. Deseja-se uma ligação intrínseca, onde seja impossível analisar isoladamente cada elemento. A inserção de um elemento artificial na paisagem ou a manipulação da mesma, servem de base para a interpretação concetual da obra, existindo uma reflexão imediata sobre a conexão do objeto com o lugar. A relação entre o artificial e o natural, constitui uma total interação entre os dois de tal forma que impossibilita a leitura separada entre a obra e o meio envolvente, isto é, não se perceciona um sem o outro. A sua intervenção, como forma de arte é também uma fuga à comercialização e a massificação, pois cada obra tem uma relação tão intima com o local, que a sua separação, originaria uma perda do ato criativo. *"My most successful pieces are the ones that look like they have always been there when I out then in."* [84]

As obras destes artistas pretendem fazer parte do local onde estão inseridas, como se tivessem nascido e fizessem parte integrante desse local.



Fig. 40 Richard Serra, Spin Out, 1972-1972

NATUREZA

LAND ART

Existe um respeito por tudo o que as rodeia, realçando as suas maiores caraterísticas e dando caráter ao "sítio" onde são inseridas. *"I would like this to be, just in a modest way, another place that people go to look at and wonder."* [85]

Uma arte onde o objeto em si não pretende ser protagonista, não se quer destacar, pretende conectar-se com o lugar, fazer parte integrante do mesmo e realçar as suas principais caraterísticas, dando valor ao espaço dinâmico existente, às ações que se formam em redor do mesmo, e à forma como cada um de nós os irá interpretar.

Procuram-se esquecer todos os modelos, constrói-se a partir da própria paisagem, com intuição, com espontaneidade. É um dialogo com a Natureza que vai crescendo e vai criando um espaço dinâmico. A intenção desta arte, é voltar a despertar em nós o interesse pelas coisas que nos rodeiam, captando a nossa atenção, valorizando o espaço e o tempo, rescrevendo a forma como vivemos experimentando a Natureza. *"The feeling of timelessness is overwhelming"* [86]

Hoje em dia, verificamos que a arquitetura contemporânea se tem cada vez mais interessado pela Land Art pelo simples facto dela representar a construção do objeto de arte na relação intrínseca do Homem com a Natureza. É partindo desta premissa que a arquitetura procura um equilíbrio entre a intervenção humana e a Natureza, respeitando-a.



Fig. 41 Fotografia na Quinta das Igrejeiras, Vilar Formoso, 2000

NATUREZA

PRIMEIRO CONTATO

"... é preciso ir lá, caminhar nela, mergulhar nela sem preconceitos culturais, fazer dessa paisagem uma experiencia direta. Há um belíssimo verbo em alemão que explica isso tudo: spazieren, caminhar, passear, mas acima de tudo eu diria "espaciar"," produzir espaço caminhando" [87]

Penso que não poderia começar de outra forma, senão sentado sobre uma pedra, com o caderno sobre os joelhos e caneta na mão, no meio do terreno de intervenção. Acredito que não conseguiria descrever aquilo que a Natureza me transmite, sentado numa sala, cercado por quatro paredes.

Aqui estou eu, sentado, sem levantar a vista do caderno em que escrevo, vazio de pensamentos, com um desejo inquieto de penetrar e sentir paisagem, *"Somente quando olhamos sem qualquer pré-concepção, sem qualquer imagem, conseguimos estar em contacto directo com algo na vida."* [88], já consigo perceber do quão bom é poder estar aqui! Sinto a leve brisa que sopra no meu rosto, e me explica que a estação está a mudar. Ouço o vento que vem de longe para perto, seguindo viagem através da dança das folhas que me rodeiam. Não consigo deixar impune este cheiro tão fresco e tão puro, que só aqui consigo sentir, e que me relembra os passeios e as brincadeiras no exterior de minha casa, quer fizesse sol ou fizesse chuva, a minha mãe gritava invariávelmente : "meninos vão brincar lá para fora". E fico contente por assim ter sido. Essas brincadeiras na relva do meu jardim, na casa da árvore que o meu pai construiu quando ainda éramos pequenos, os jogos de futebol usando árvores como balizas, os passeios de bicicleta no pinhal, e os barcos de papel que navegavam riacho a baixo, sinto que marcaram a minha forma de estar e as minhas escolhas. A quinta tornava-se num autêntico campo de diversões, longe dos altos prédios, do ruído citadino e do asfalto escuro das avenidas.

Será essa a raíz da minha inspiração e atração pelo natural? Terão sido estas coisas que me fizeram gostar tanto de ti, Natureza?



Fig. 42 Fotografia Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso, 2017

NATUREZA

PRIMEIRO CONTATO

Continuo sem levantar o olhar do caderno, e sei que não estou só, consigo ouvir os pássaros a cantar, a sobrevoar e a saltar de ramo em ramo, as moscas, e as abelhas que trabalham sem parar. Eles sabem que eu estou aqui, mas a minha presença não os incomoda, aqui sou simplesmente mais um. *"- Viento, insectos, flores, manchas de sol que se movían entre las nubes-, que le ofrecían la oportunidad de medir su pensamiento con el entorno."* [89]

É tão bom fechar os olhos e poder experimentar este misto de sensações, fazem-me sentir presente. Sinto-me calmo, sinto o local, sinto-me a viver o momento, como se o tempo estivesse parado, e estivesse em pleno contato com o natural. Parece que só existimos os dois, e neste momento, lá cai um ramo de uma árvore e me inquieta. Abro os olhos, levanto o olhar, e fico calmo novamente. Perco-me no meio de tanta beleza, como é verdadeiramente Bela a Natureza. Tento encontrar a linha do horizonte, mas esta, esconde-se entre a vasta variedade de vegetação que me rodeia, arbustos altos e baixos, árvores com folha e sem folha, são flores brancas e amarelas as que tentam encontrar o caminho até aos raios de sol, o musgo em sintonia com as rochas, e teimosas são as giestas que crescem onde podem. Afinal, tudo tem o seu lugar, as suas proporções, tudo se respeita e parece viver em harmonia. E esta luz? Vejo os raios de sol penetrarem pela densa folhagem, brilhando ao tocar nas poucas gotas de água que descansam sobre as folhas, os que alcançam o solo, formam um padrão inquieto, um jogo de luz e sombra que varia de segundo para segundo, consumando assim a mais bela iluminação natural. Sinceramente, faltam-me as palavras para descrever este quadro tão bonito. Derrotado por esta maravilhosa imagem, levanto-me e começo a caminhar, *"Quantos de nós se lembrarão da sensação visual intensa que se experimenta ao andarmos a pé pelo campo durante uma semana ou um mês? O ritmo de marcha permite-nos percepcionarmos as árvores, os arbustos, as folhas e a erva, e até a superfície dos rochedos e das pedras, os*



Fig. 43 Fotografia Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso, 2017

PRIMEIRO CONTATO

grãos de areia, as formigas, as lagartas e as moscas e mosquitos, sem falar dos pássaros e outros animais que vivem na natureza."[90] Os percursos, são criados pelo meu inconsciente, desvio-me da vegetação e dos rochedos, e pouco a pouco vou encontrando o meu caminho. Sem qualquer referência, e com a barreira visual limitada pela vegetação, confio na paisagem, deambulando pelo terreno, guiado pelos percursos naturais mais racionais, descubro pontos de paragem, corredores verdes, e molduras incríveis, tantos espaços, tantas ambiências. Solto um sorriso e fico contente por ainda existir tanta coisa por descobrir. *" O que é verdadeiro continua escondido. Ninguém jamais o verá. Apesar disso, estou convencido que – se bem que ameaçadas – ainda existem coisas verdadeiras. Existe a terra e a água, a luz do sol, a paisagem e a vegetação."*[91]



Projeto



Fig. 44 Desenho do autor, Processo para a criação do objecto arquitectónico

"The essential truth is that, in the process of creation of architecture, there must be a moment in which each individual must ask himself what he wants to do, and there must also be a moment when that same individual ask nature how to do it. Architecture, therefore, is part of the bridge between nature and man" [92]

Kristopher Mark Stuart

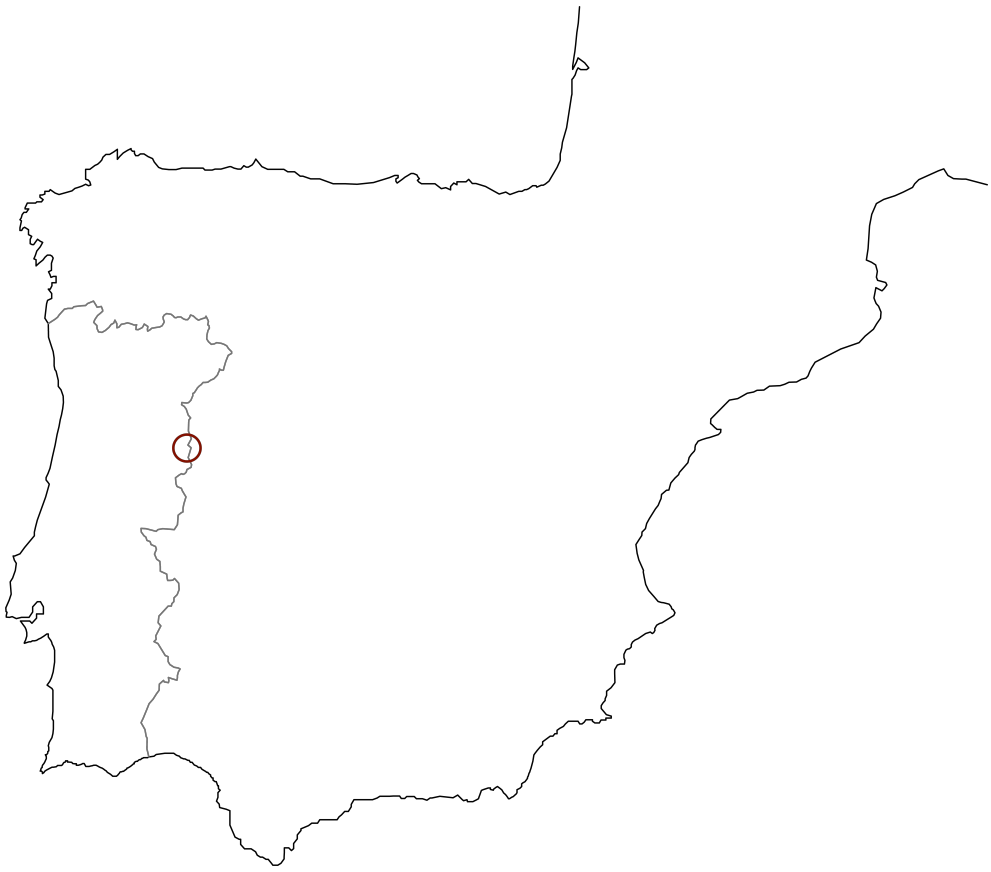


Fig. 45 Localização de Vilar Formoso na península ibérica

PROJETO

APROXIMAÇÃO AO REAL

Partindo de uma base teórica para um contexto agora prático, apresenta-se um projeto de arquitetura localizado numa região de fronteira com Espanha.

A intervenção teria lugar na localidade de Vilar Formoso, vila raiana da região centro de Portugal, concelho de Almeida. É considerada a maior fronteira terrestre do País. Conhecida como a porta de entrada em Portugal, tanto a nível rodoviário como ferroviário, ganha a alcunha de "Fronteira da Paz", pelo seu desempenho crucial na II Guerra Mundial, acolhendo milhares de refugiados que tentavam a sua fuga às forças nazis. Vilar Formoso recebeu-os em "casa", com abrigo, alimentação, amizade e solidariedade.

A vila situa-se no relevo mais antigo da Península Ibérica, numa planície cercada por importantes sistemas montanhosos (Serra da Estrela, Serra da Marofa e a Serra da Malcata) com paisagens predominantemente marcadas pela abundância de granito.

No inverno, sendo das zonas mais frias de Portugal, ocasionalmente ocorrem precipitações de neve e atingem-se temperaturas negativas nos pontos mais altos do concelho. No verão, o tempo é seco e quente, e a chuva bastante escassa, alcançando temperaturas que variam entre os 38/40 graus.

Vilar Formoso, está rodeada por aldeias históricas, destaca-se Almeida, Guarda, Belmonte, e Sabugal. Podem ser visitadas usando os percursos históricos e turísticos das aldeias históricas de Portugal.

Adjacente, mas situadas em Espanha, encontram-se as cidades de Cidade Rodrigo e Salamanca.





Fig. 46 Ortofotomapas da aproximação ao local de intervenção

PROJETO

APROXIMAÇÃO AO REAL

A partir das fotografias aéreas, percebemos alguma da mancha urbana significativa que constitui Vilar Formoso. O terreno onde se pretende intervir localiza-se na periferia, a Nordeste do casario. Apesar da sua irregularidade geométrica o lote dispõe de uma área aproximada de 9 hectares.

As fotografias acima destacadas permitem ainda identificar uma densidade arbórea na zona sudeste do terreno, constituída por plantação de pinheiro bravo, existindo também carrasqueiras e sobreiros de grande porte, amplamente distribuídos pelo terreno de intervenção.

A sudoeste do terreno também existe um eixo viário (A25) que liga Portugal a Espanha. Prevê-se a sua substituição por uma outra via mais rápida, com a intenção de esbater as fronteiras rodoviárias da Europa. O projeto deste eixo rodoviário irá desenvolver-se na zona Noroeste do terreno de intervenção, excluindo por completo a hipótese de intervir nessa zona.

O acesso ao lote faz-se pela zona Noroeste por uma via estreita que une o portão da quinta ao espaço público da vila. Para aceder à construção já existente no terreno existe um percurso interior.

Este local que escolhi dá-me uma responsabilidade acrescida por ter para mim um grande valor afectivo. A Quinta e a sua casa pertenciam ao meu tio-avô paterno (Júlio Marques), que há, aproximadamente 40 anos comprou a propriedade, dando-lhe o nome de "Quinta do Prado Verde". Com o seu falecimento em 1993, na tentativa de evitar o abandono do espaço e dinamiza-lo, incrementou-se um espaço de bar que funcionava à noite. Seguiu-se um restaurante no mesmo local, com atividade até hoje.

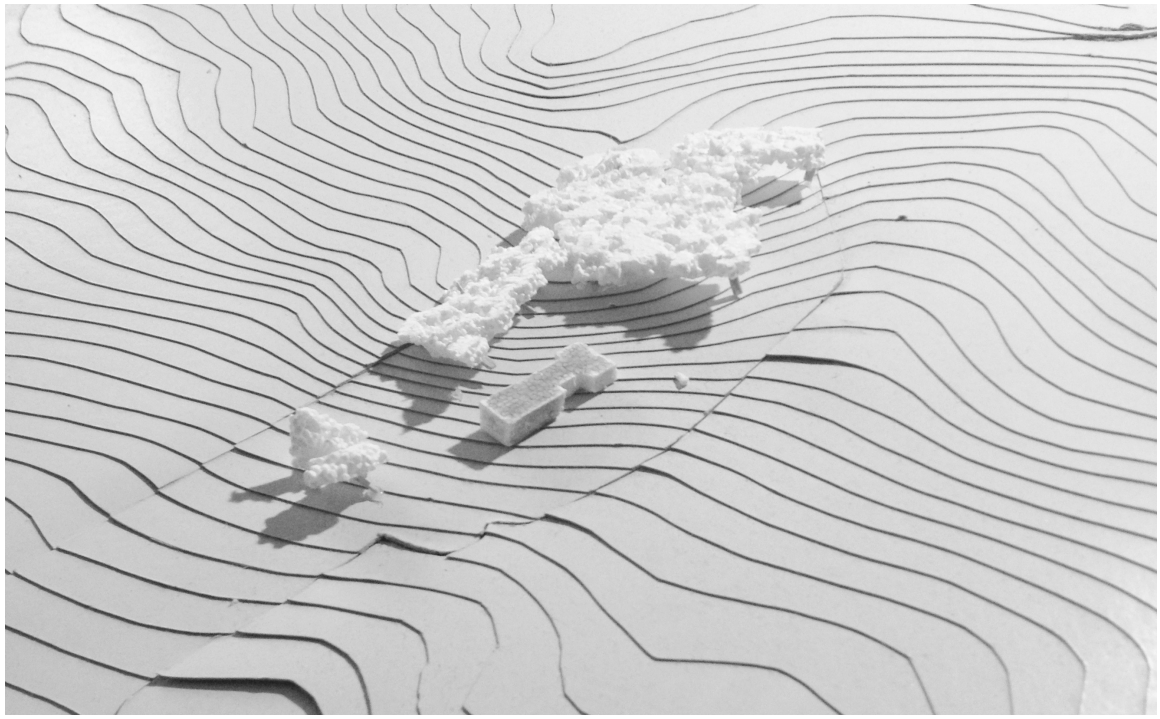




Fig. 47 Maquete explicativa da topografia do terreno de intervenção

Fig. 48 Maquete explicativa da topografia do terreno de intervenção

PROJETO

APROXIMAÇÃO AO REAL

O desenvolvimento da maquete, revelou-se fundamental no reconhecimento e entendimento da topografia existente no terreno de intervenção. Tendo em conta as imagens aqui presentes, defrontamo-nos pela primeira vez com uma representação tridimensional do lote, percecionando os desníveis que compõem a sua topografia.

Conclui-se que o lote é composto por um declive de 27 metros que decai de Este para Oeste, sendo que o ponto mais alto se localiza a 781 metros acima do nível médio da água do mar o que permite observa maior parte da vila.

A orientação do lote e a sua composição beneficiam de um boa exposição solar, favorecendo a implantação de qualquer objeto arquitetónico que se adapte naturalmente ao terreno, preservando a paisagem do local e tirando partido das condições existentes.

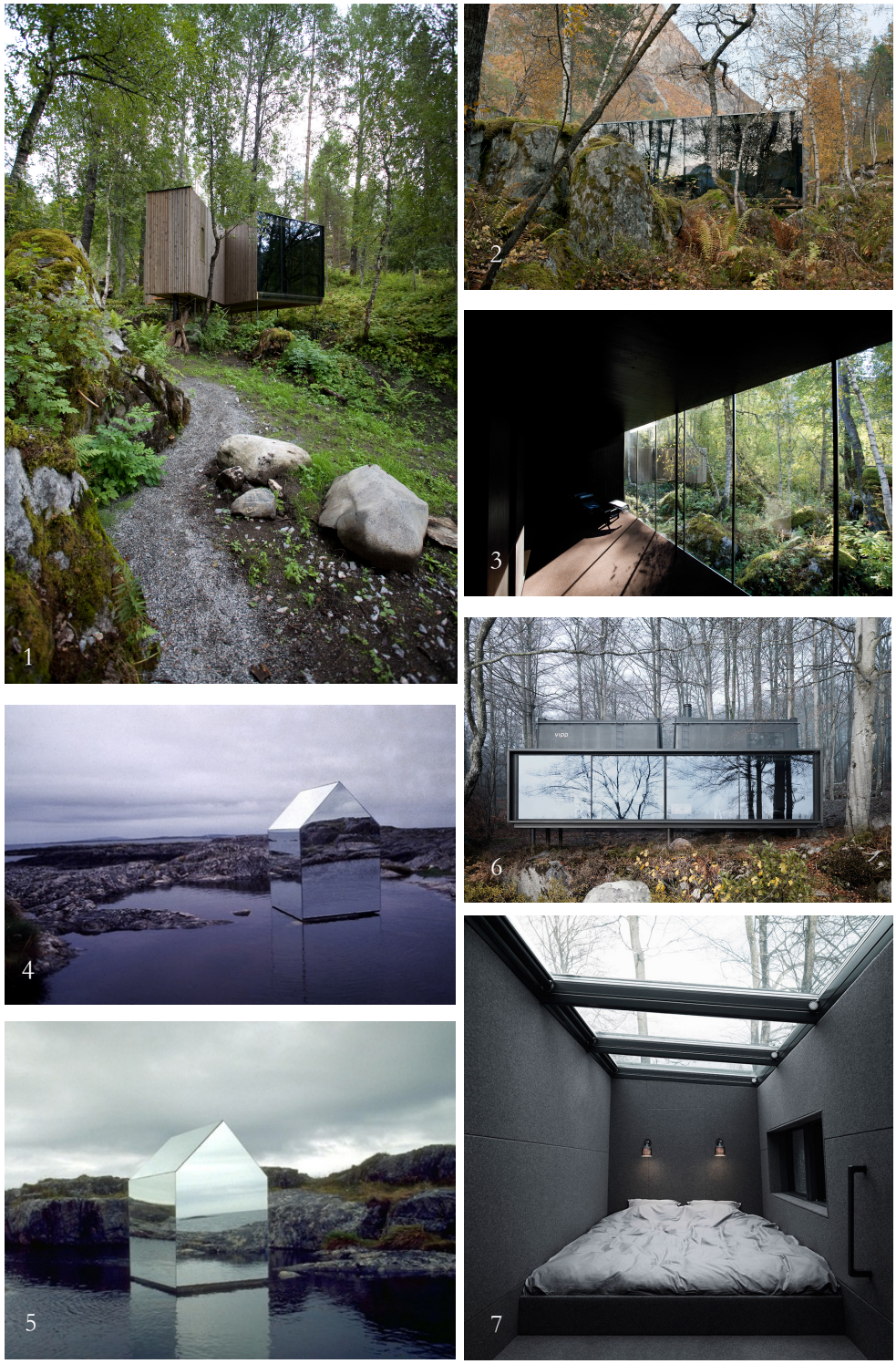


Fig. 49 Referências Projeto

Fig.1, 2, 3 The Juvet Landscape Hotel de Jensen e Skodvin

Fig. 4, 5 Mirror House de Ekkehard Alteburger

Fig. 6, 7 Vipp Shelter de Morton Bo Jensen

REFERÊNCIAS

A necessidade de referências surge numa fase inicial do processo e pode ser descrita como o momento de observar e estudar alguns exemplos que se tornaram decisivos na parte do desenho. A análise destas obras foi fundamental, pois a sua escolha incide sobre a simbiose que criam com a Natureza envolvente. Deste modo, destacam-se as seguintes obras:

The Juvet Landscape Hotel projetado pelos arquitetos Jensen e Skodvin, *The Vipp Shelter* projetado por Morten Bo Jensen, *Mirror House* produzida por Ekkehard Alteburger, *De muerte e espejos*, projetado por Solano Benitez, e os RCR Arquitectes desenharam os 3 últimos, sendo que um deles não se encontra construído, *Paseo Maritimo y Fachada Litoral em Alicante*, o *Parque de Pedra Tosca em Girona*, e o *Pabellón 2 x 1 Tussols-Basil em Girona.*

-Na obra "The Juvet landscape Hotel" a intenção dos arquitetos era a de projetar um hotel que estivesse em harmonia com a paisagem, conservando o lugar e respeitando os elementos naturais, de forma a que a construção fosse de raiz minimalista, em profunda conexão visual e estrutural com a Natureza que a integra. "The idea emerged as an opportunity to exploit breathtaking scenery with minimal intervention(...) Conserving the site is a way to respect the fact that nature precedes and succeds *man"* [93]

O conceito da obra procura oferecer ao Homem uma experiência única e a oportunidade de observar a beleza do mundo natural, em exclusiva comunhão com a sua simplicidade e pureza. As imagens mostram por si a qualidade do projeto e a excelência do objetivo.

-*The Vipp Shelter*, apesar de ser um habitáculo amovível, insere-se na Natureza, enquadrando propositadamente, o melhor da paisagem. A intenção é claramente a de fornecer ao Homem um espaço livre em alternativa ao estilo apressado das grandes cidades. *"We live in the city, but dream of the wild(...) the dream was to build a livable design object we could place anywhere in the world."* [94]

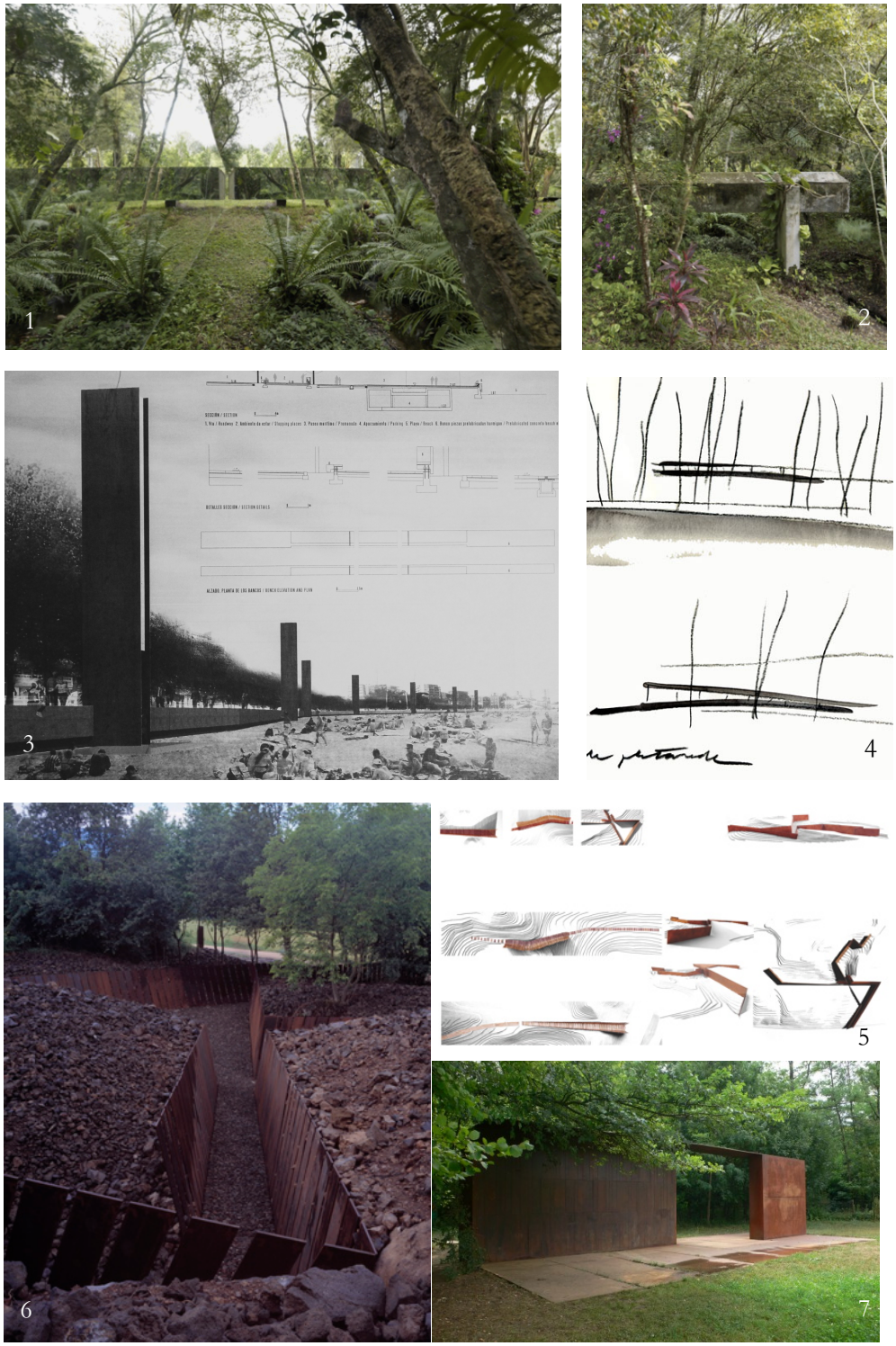


Fig. 50 Referências Projeto

Fig.1, 2, *De muerte e espejos de* Solano Benitez

Fig. 3, 4 *O Paseo Maritimo y Fachada Litoral dos* RCR Arquitectes

Fig. 5, 6 O projeto do *Parque de Pedra Tosca dos* RCR Arquitectes

Fig.7 O *Pabellón 2 x 1 Tussols-Basil dos* RCR Arquitectes

Destaca-se, o pormenor no quarto de uma janela na cobertura, que permite ao visitante adormecer observando as estrelas e acordar com um limpo céu azul.

-*The Mirror House* insere-se num lago natural. A obra representa o Oceano Atlântico e cria uma linha difusa entre a realidade e a virtualidade. Esta obra amplia o espaço, e deixa o espetador confuso, sobre o limite do que é o espaço natural e o espaço artificial.

"seeks to explore and encapsulate the physical balance of the built environment as well as the sculptural volumes of these physical materials." [95]

-*De muerte e espejos*, projetado por Solano Benitez, é um túmulo constituído por 4 vigas de betão forradas de espelhos no seu interior que criam um espaço com vincado misticismo, repleto de simbologia. O espelho reflete a realidade mas criando a ilusão espacial. O interior manifesta-se também como Natureza pura e enche-se de vida sempre que o Homem decide ocupar o local, multiplicando a sua presença pelo efeito do espelho.

-*O Paseo Maritimo y Fachada Litoral* é considerada uma referência pelas grandes e altas placas que iluminam a praia, e lhe dão acesso pela parte inferior. Estas oferecem à cidade, neste caso à fachada litoral, uma imagem simbólica que carateriza a cidade de Villajoyosa. O simples gesto de elevar verticalmente estes grandes elementos, parece contradizer a horizontalidade da praia, existindo um equilíbrio entre ambas as partes, simultaneamente artificial e natural.

-O projeto do *Parque de Pedra Tosca em Girona* é um exemplo que potencializa a imagem da paisagem, um projeto constituído por uma estreita linha quebrada que permite ao homem percorrer o espaço. As placas de aço contrapõem-se às grandes massas rochosas, criando um percurso entre elas.

-O *Pabellón 2 x 1 Tussols-Basil* em Girona é composto por dois volumes, cobertos por uma fina placa de aço cortén. A dimensão e a forma como está inserida na Natureza, confere-lhe um sentimento de pertença ao lugar.



Fig. 51 Foz, Porto, fotografia do autor, 2017

PROJETO

REUNIÃO COM O NATURAL

Sob influência dos elementos expostos até ao momento, procura dar-se a conhecer parte do processo de conceção do projeto "Quinta do Prado Verde- Habitar a Natureza", explorando motivações, vontades, estímulos, e algumas das condicionantes que formalizam a presente proposta.

"No início de um estudo, confrontamo-nos com tensões contraditórias que determinam os objetivos de uma realidade que tem raízes muito profundas, feitas de transformações, sobreposições e recuperações, diante de experiencias e informações preliminares próprias ou alheias, diante de modelos, interesses e contatos. Acredito que nessa rede complexa de factos (...) se encontra (...) quase tudo o que determina o projeto."[96]

Partindo dos pressupostos teóricos a partir dos quais este projeto deveria assentar, levantaram-se algumas questões sobre qual seria a forma mais correta de intervir na Natureza, neste caso, na paisagem proposta. Embora respeitando o espaço natural, a arquitetura deve sobressair? Deve camuflar-se? Excluir ou integrar-se completamente naquele ambiente? Deve existir uma medida certa, um equilíbrio, uma união que não comprometa nem a obra arquitetónica nem a Natureza onde se insere o projeto. A compreensão de qualquer paisagem ou ambiente natural está sujeita a capacidade de perceção do observador e da forma como ele se manifesta através da interação que tem com o lugar. Após a primeira experiencia, e ao identificar as propriedades que constituem a paisagem, o Homem é capaz de monitorizar as qualidades do lugar o que o ajuda a determinar como intervir. Só compreendendo o lugar é que o Homem consegue construir em fusão com a paisagem existente. É inegável a procura intensa e recorrente de uma conexão com o meio envolvente, sendo que dessa busca devem resultar relações interessantes com a paisagem. Álvaro Siza é bastante claro afirmando que *"...a arquitectura não tem sentido a não ser em relação com a natureza."*[97] Campo Baeza concorda com a citação acima transcrita, explicando



Fig. 52 Ponte S.joão, Gaia, fotografia do autor, 2017

que *"...a natureza, o diálogo com ela, foi sempre a fonte da arquitetura."* [98]

Desta forma, surgem as primeiras considerações acerca da interação da arquitetura com a Natureza.

Explorando a relação entre a construção artificial e o natural, e a forma como estes elementos podem dialogar entre si, Campo Baeza, reforça a sua clareza, afirmando que embora exista uma relação entre ambos e a Natureza seja a base da arquitetura, estes dois elementos *"...nunca se fundirão nem se confundirão. Isso seria não ter percebido nada."* [99]

Há por isso uma questão permanente acerca do posicionamento do objeto arquitetónico face à Natureza, tendo claro que estes dois elementos nunca se fundirão. É neste questionamento e neste repensar constante que se vão percebendo as desigualdades existentes em ambos os elementos, que se constata que a arquitetura pode e deve existir em sintonia com a Natureza. Relacionando-se com ela, beneficiando e realçando as suas diversas propriedades. Deste modo, este projeto resulta da procura intensiva de um diálogo com o meio envolvente, porque,*"Producir paisaje significa iniciar un diálogo con el emplazamiento que permite superar la noción clásica del mismo y deja de ser una bandeja sobre la cual se deposita un objeto cualquiera, sea una escultura o un edificio donde se vive. Es una manera de intervenir en el paisaje, un diálogo, una noción espacial."* [100] Com base nas palavras de Luca Galofado, percebe-se que a arquitetura não deve ser um elemento externo nem desconhecido face ao lugar onde se propõe inserir. O arquiteto deve ter uma boa perceção do espaço, a forma como entende esse espaço permite-lhe decifrar aquilo que a paisagem propõe, confiando plenamente na Natureza, não esquecendo que *"Enfrentar se a un espacio o a un paisaje "en estado salvaje" es una experiencia fundamentalmente distinta através de la mediación de edificios..."* [101] Constata-se que a intervenção num espaço natural em tudo difere de uma intervenção



Fig. 53 One World Trade Center, Nova York, fotografia do autor, 2017

no meio urbano. A Natureza tem as suas formas, o seu ritmo, os seus materiais, e as suas texturas, absolutamente distintas do universo citadino. Desta forma, a intervenção arquitetónica deve ser cuidada, deve realçar as qualidades do local, respeitando e relacionando-se sempre com o meio envolvente, conquistando o seu lugar de forma não invasiva.

"Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água, a areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo." [102]



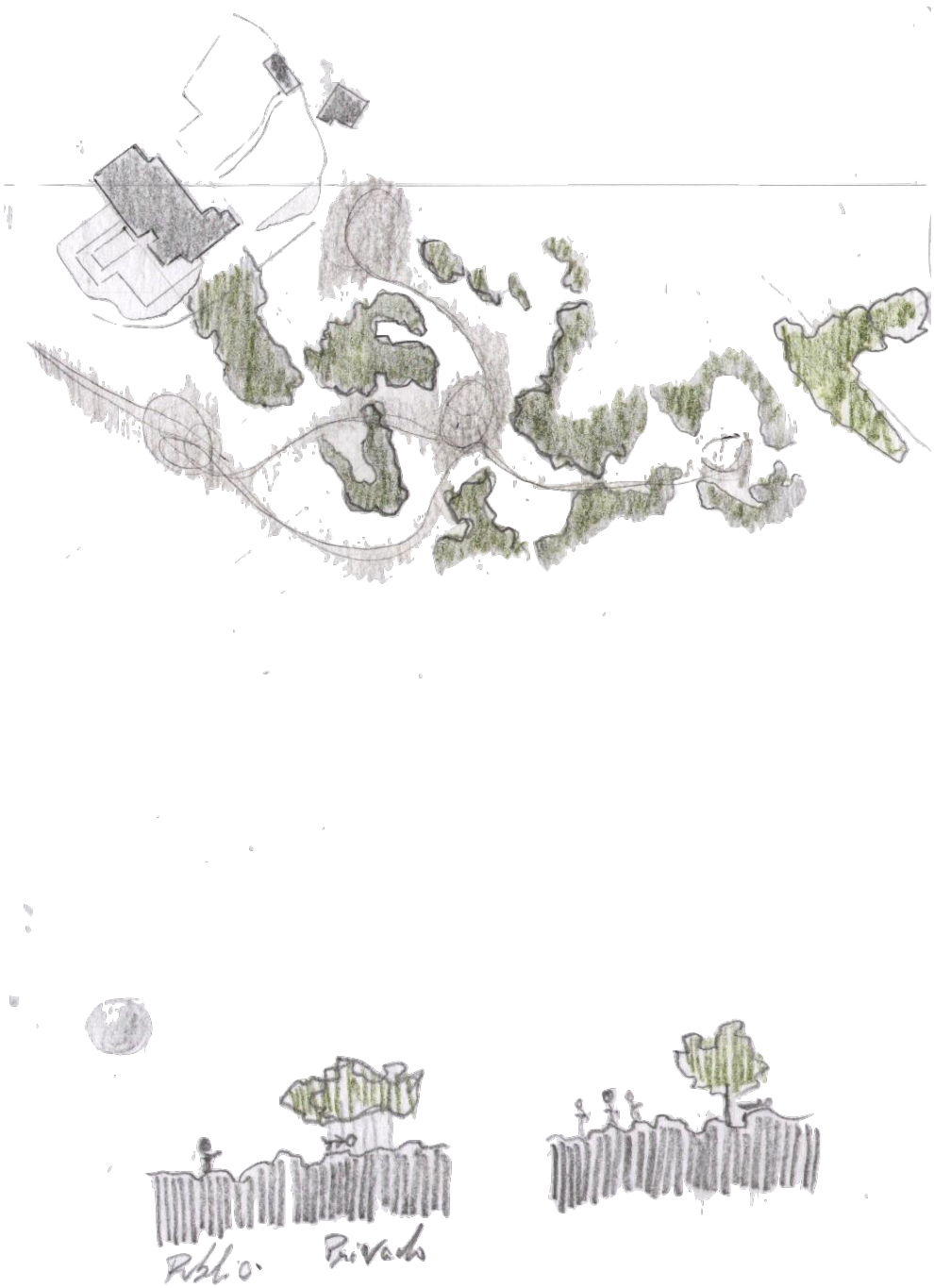


Fig. 54 Primeiro esquisso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

"Continua presente na minha memória a frustração dos primeiros anos de escola e de profissão, quando à análise supostamente exaustiva (estática) de um problema se seguia o encontro desamparado com uma folha de papel em branco. A partir de então tive sempre cuidado de "olhar o sitio" e fazer um desenho antes de calcular os metros quadrados de área a construir.

A partir da primeira confrontação de um e outro gesto se inicia o projeto de projetar." [103]

O contato com o papel é necessário, é insubstituível a importância que este tem no registo das primeiras impressões do terreno. Consequentemente, e seguindo as palavras do arquiteto Álvaro Siza, o primeiro esboço, desenhado ainda no terreno de implantação, marca o início de todo o processo, realçando algumas considerações e apontamentos de como poderia vir a ser a área de implantação, os diferentes percursos e a conservação da ambiência existente, tendo presente o propósito de conseguir que o Homem se sinta o mais confortável possível no espaço projetado.

É de uma forma consistente e inequívoca que se estrutura todo o trabalho do arquiteto, uma dicotomia entre a razão, o ato criativo e o respeito pela Natureza. É durante todo o trabalho de conceção, e não apenas na sua génese, que os registos desenhados revelam as motivações do arquiteto. *"O artista torna-se na sua própria matéria, matéria do seu desenho"* [104]

Converter este idealismo numa realidade próxima e fiel, implica um processo desafiante. Existe um percurso complexo que parte do pensamento, da base teórica e se concretiza na execução. As dificuldades e as restrições criam no processo criativo avanços e recuos sucessivos, muitas das vezes distante do idealismo e da harmoniosa conceção inicial.

Desde o primeiro esboço no papel, até à solução que se julga ser a final, a arquitetura enquanto objeto concreto, não revela, na maioria das vezes, as

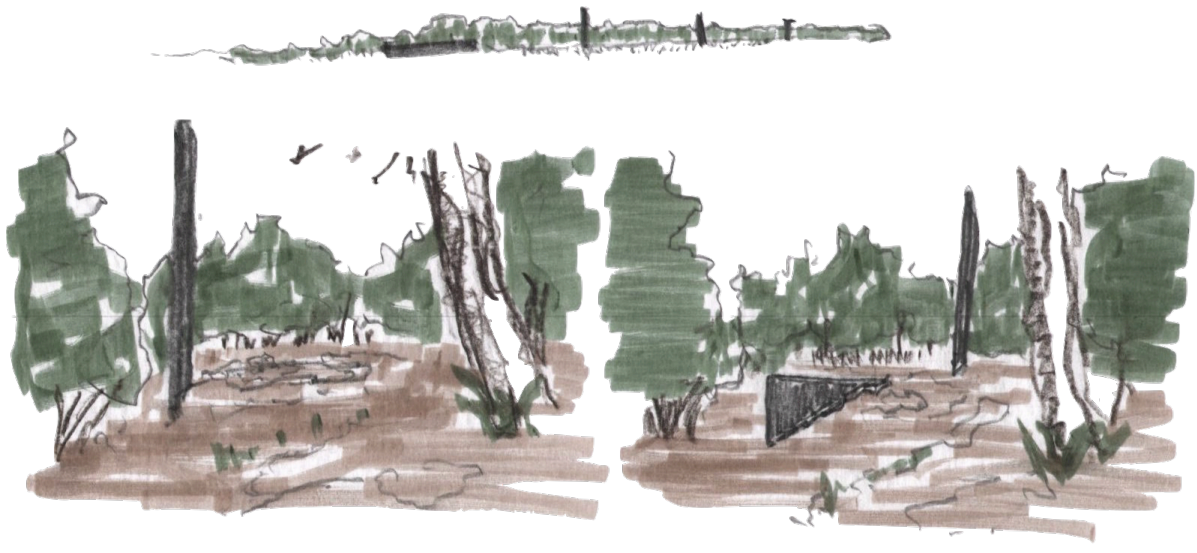


Fig. 55 Desenhos do processo

emoções envolvidas em todo o processo, ficando aquém daquilo que se possa ter sonhado, restringido pela diversidade e imprevisibilidade das limitações do desenho. Louis Kahn reforça esta ideia da imprevisibilidade e limitação do desenho afirmando, *"...As emoções e a fantasia não possuem medida, não possuem linguagem, e os sonhos de cada um são distintos.(...)O homem será sempre maior que as suas obras porque nunca poderá expressar completamente as suas aspirações. Para expressar-se através da música ou da arquitetura deve recorrer a meios mensuráveis como a composição e o desenho. A primeira linha sobre o papel é já uma medida do que se pode ser expressado cabalmente. A primeira linha sobre o papel é já uma limitação."* [105]

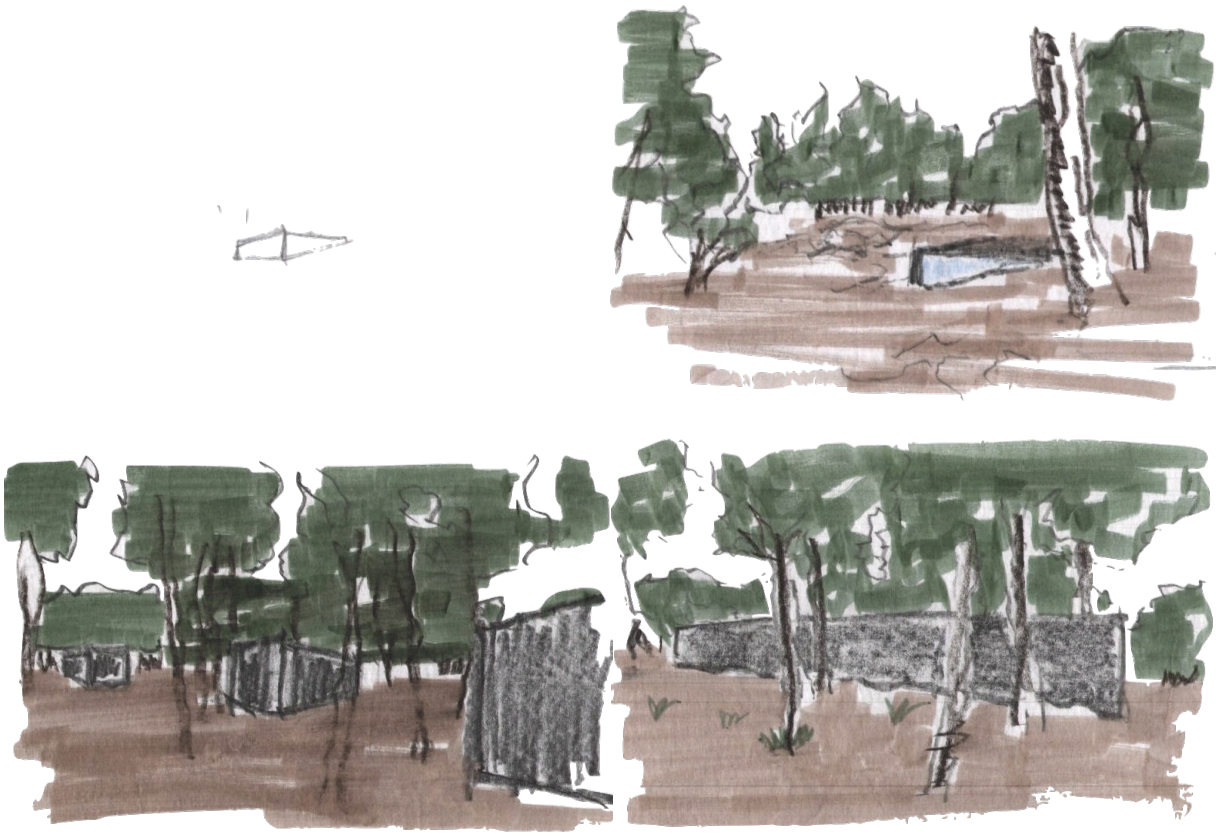




Fig. 56 Desenhos do processo

PRODUZIR PAISAGEM

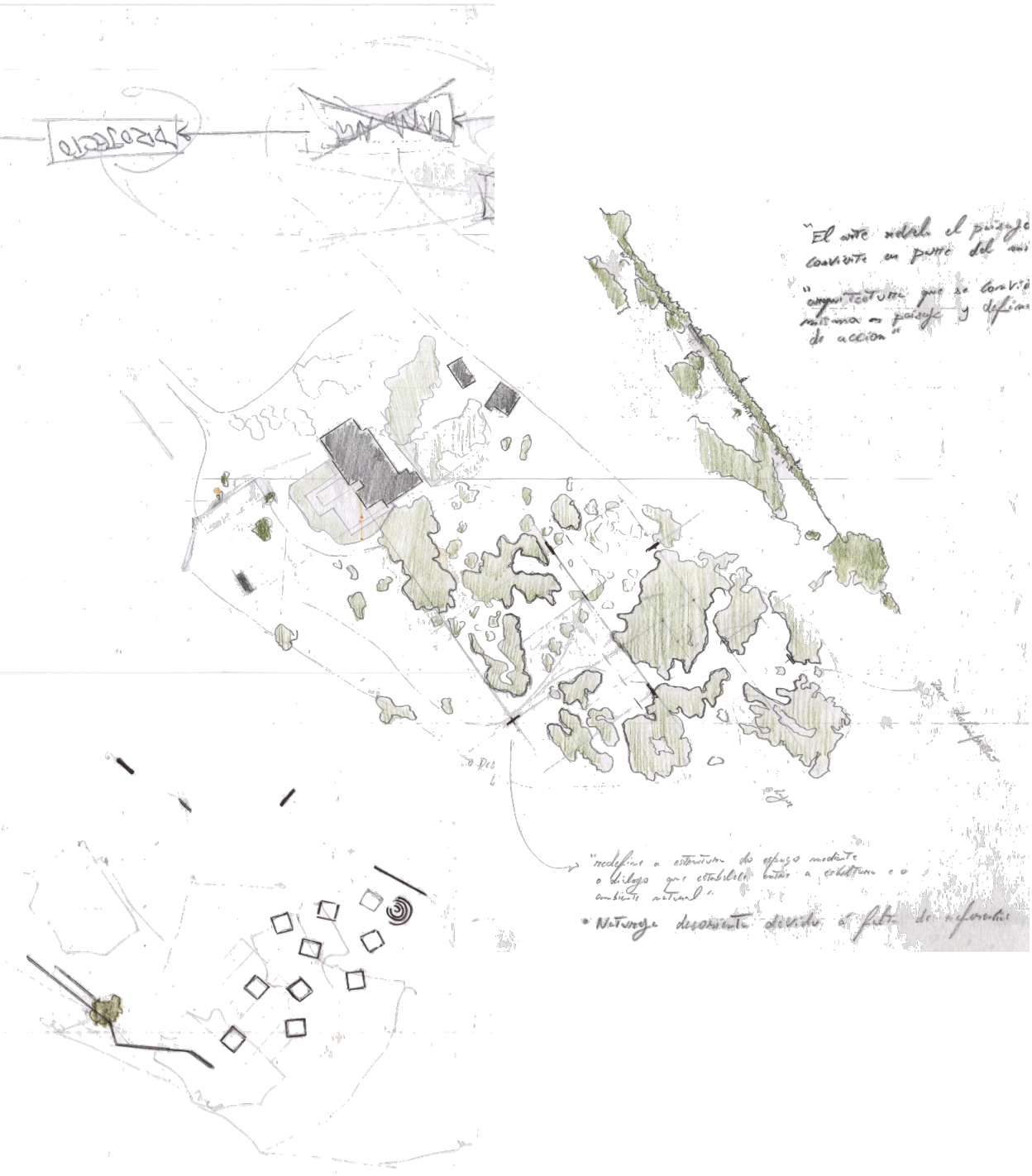




Fig. 57 Fotografia do Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 58 Fotografia manipulada pelo autor do Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

Uma vez que o estudo não pôde ser feito de forma permanente no local de intervenção, e tendo também a intenção de preservar ao máximo o espaço natural envolvente, utilizou-se como estratégia o desenho sobre as fotografias do local. Assim, mais do que uma folha em branco, e mais do que a memória transmitia, a fotografia aproxima-se da realidade existente mostrando de forma, o mais real possível, o espaço. O olhar cuidado sobre cada fotografia tornava-se fundamental no conhecimento do terreno, e na formulação de uma possível proposta de ocupação do lote. Cada paisagem sugere algo distinto, observavam-se diferentes ambiências e espaços desiguais em cada fotografia. É neste contexto, com esta realidade, que se optou trabalhar. Assim os esquissos que se seguem, procuram mostrar de forma mais aproximada as abordagens possíveis com a realidade existente.





Fig. 59 Fotografia do caminho que leva à construção existente, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 60 Fotografia manipulada pelo autor do caminho que leva à construção existente, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

Confiando na paisagem e no que a mesma sugere, elevam-se e ampliam-se as suas caraterísticas com o intuito do objeto artificial dialogar de forma inteligível e coordenada com o entorno natural, assim *"Procuró olvidar las reglas que había aprendido, confiando en el paisaje como en un socio, abandonando voluntariamente sus intenciones y rindiéndose a los asaltos del azar, de la espontaneidad..."* [106] As primeiras materializações dos objetos sobre as paisagens propostas começavam a surgir. Longe de qualquer sugestão feita pelo cliente, o desenho das peças nascia antes das sugestões que a imagem transmitia, procurando enfatizar a paisagem. *"...en ese entorno amado debo intentar encontrar la medida, la forma y el tamaño adecuados y quizás, también alguna tensión. Estoy convencido de que amar el paisaje, mirarlo con el corazón, es el presupuesto para encontrar la medida justa."* [107]





Fig. 61 Fotografia do caminho que leva ao Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 62 Fotografia manipulada pelo autor do caminho que leva ao Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

Na anterior descrição de Peter Zumthor, pressupõem-se que, para projetar algo no meio natural, é preciso saber apreciar a Natureza. Entende-la, saber observar a exaltação da paisagem e das suas formas, procurando um diálogo amigável entre as formas minimalistas dos elementos artificiais e o espaço no sentido de não menosprezar ou ferir a Natureza que acolhe o projeto.

A busca recorrente do equilíbrio entre estas duas variáveis foi constante no processo criativo. Desta forma, cada objeto pretende, espontaneamente, dialogar com o lugar em que se insere, caso contrário, manifestar-se-ia como um elemento intruso nessa paisagem natural. A intenção reside por isso na sintonia e na harmonia entre ambas as partes. A paisagem deve integrar o objeto, *" Eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte"*[108]





Fig. 63 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 64 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PRODUZIR PAISAGEM

Constatamos que o som é tão importante como o silêncio, cada um tem o seu tempo e a sua ordem, e a música flui naturalmente. Tal como uma composição musical que se reproduz nos seus acordes numa ordem perfeita, nos seus intervalos entre o ruído e silêncio, também a Natureza produz o seu próprio som numa harmonia e equilíbrio que devemos ser capazes de percecionar. Apenas desta forma a inserção do objeto na Natureza será equilibrada e silenciosa, sem se limitar a ser meramente decorativa. A sua disposição deve ser consciente, cautelosa e intencional, inserida minuciosamente no lugar, como se dele fizesse parte. O desenho cuidado dos objetos pretende interromper a continuidade da paisagem natural, ampliando o seu sentido, e oferecendo uma imagem que inicialmente passava desapercebida. *"Interrumpir la continuidad del paisaje*





Fig. 65 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 66 Fotografia da paisagem manipula pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

natural, amplificándolo, se convierte en una necesidad expresiva con vistas a hacer visible lo invisible."[109] Pode dizer-se que a arte revela a paisagem, e faz parte integrante da mesma.

Tome-se como exemplo uma planície. Uma planície coberta por um manto verde que alimenta o gado que vagueia pela zona. Algumas árvores dispersas pela paisagem e alguns arbustos de pequeno porte povoam também a planície. Imaginemos agora a mesma planície, com os mesmos animais, as mesmas árvores, e os mesmos arbustos, mas desta vez com um elemento novo: uma torre sublime no seu centro, ou, em vez disso, um plano de aço cortén que atravessa a paisagem e desaparece no manto verde. A imagem não será a mesma, mas qualquer uma das imagens propostas pode ter beleza e harmonia. A obra de arte pode dar ao espaço natural uma perspetiva nova sem o alterar na sua essência.





Fig. 67 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 68 Fotografia da paisagem manipula pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

"Sculptures have the power to create a sense of place by their own physical presence. A single inanimate object, useless in itself, can be the focus of a world. Wallace Stevens wrote in a poem that a jar placed on a hill "made the slovenly wilderness surround that hill." The jar took dominion." [110]

O artificial tem a capacidade de nos fazer deter, de captar a atenção do espetador, conseguindo que este observe o objeto e a paisagem que o rodeiam, proporcionando-lhe uma reflexão inconsciente sobre a génese, o propósito e o enquadramento do que observa. *"Para compreender uma obra de arte, é necessário contemplá-la..."*.[111]

Desta forma, a intenção dos objetos passa por criar um "distúrbio" que se relacione com o meio envolvente, conferindo ênfase ao espaço, *"es llenar un espacio antes vacío, es convertir un no-espacio (···) en lugar"* [112]





Fig. 69 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 70 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

Ao transformar o espaço existente num novo lugar, num lugar diferente, ordenado e com sentido, os objetos aqui propostos surgem como referências no meio do espaço natural conduzindo inconscientemente o Homem. Propõem um caminho, sugerem a paragem e o descanso, ou simplesmente conduzem a um estado de contemplação. Um objeto que descansa sobre o terreno sem o contaminar, deixando a vegetação desenvolver-se livremente.

"El arte posee la capacidad de detenernos, de ralentizar nuestro ritmo y de restituir el valor del tiempo a la lentitud de la contemplación. El arte despierta de nuevo nuestro interés por todo lo que nos rodea, suprime las reglas y rescribe el espacio en que vivimos." [113]





Fig. 71 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 72 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

Tendo a Natureza como base e servindo de suporte ao objeto ela pode voltar a seduzir o homem, potenciando o seu instinto, o interesse e a curiosidade pelo meio que o envolve. A observação consciente de um lugar recorda ao ser humano o respeito que se deve manter pelo mundo natural. Podemos sempre reaprende os sons, os cheiros e até sentimentos pelos seus elementos. É neste processo que se despertam estímulos e conexões espontâneas com a Natureza, realçando e elevando uma relação entre o meio, o projeto e o Homem.

"São as obras, elas mesmas, que solicitam, sugerem e exigem um certo movimento, uma certa disposição ao contemplador, que aparece unicamente no sentido mais depurado, relativamente à essência espacial da obra, isto é, relativamente ao lugar do espaço consequente com a obra contemplada." [114]





Fig. 73 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 74 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

Cada objeto está só, discreto, e isolado, à procura de visibilidade, com a tentativa de criar diversas sensações e diversos estados de espírito, expressando uma voz e uma ideia que não é mais do que a vontade de querer mostrar ao Homem a potencialidade do lugar - essa é a verdadeira essência do objeto.

"I want to make something that feels exciting to me. That may sound vague and small, but to me it´s not so vague." [115]



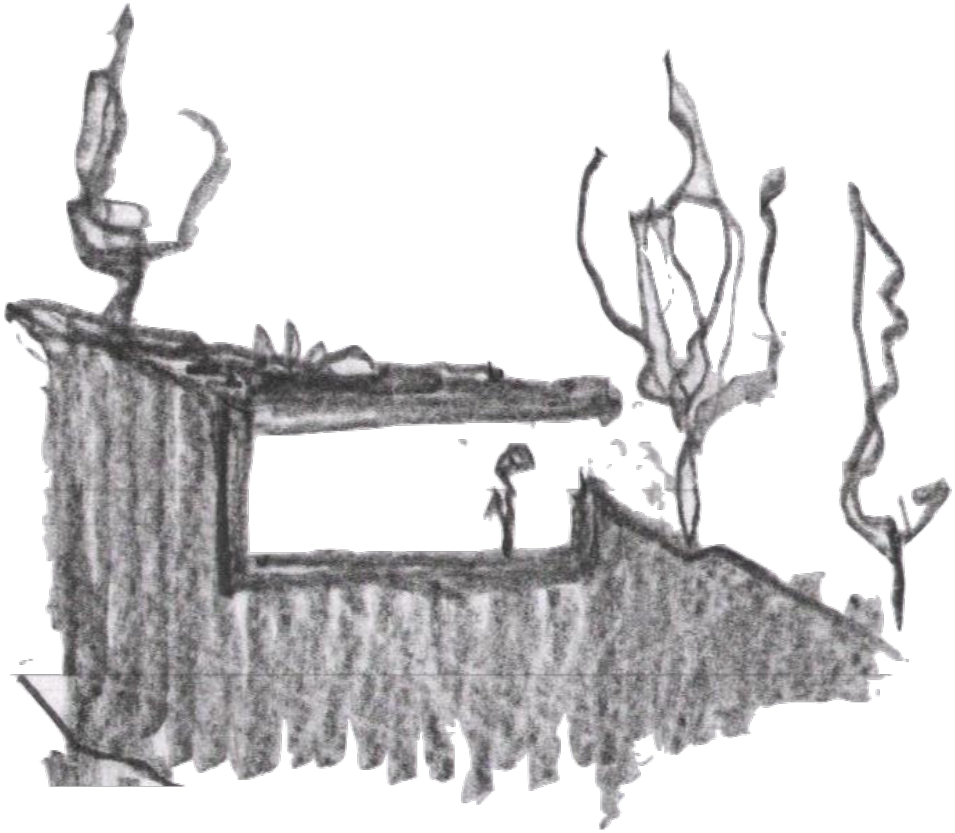


Fig. 75 Primeiro esquisso do refúgio

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

Como complemento aos objetos, até aqui apresentados sob a forma de desenho, surgem agora os esquissos dos volumes habitacionais, que irão acolher o Homem nesta experiência com o natural. Foi necessária a exploração deste ambiente natural, estabelecer contato com o terreno, partir à descoberta das várias ambiências usando a perceção e a intuição. Estas ferramentas arquitetónicas suportaram a conceção dos objetos que se tornaram *"naturais"*. Em suma, estas foram as ideias-chave para implantar os abrigos que se seguem porque *"...fazer algo que é produto da razão, do pensamento do homem (...) é muito diferente do que o que a natureza nos propõe. Embora dialoguemos com ela. Embora amemos profundamente a natureza. (...) toda a arquitetura que se preze estabelece uma relação perfeita com a natureza."* [116]

Concluímos assim que a relação entre Natureza e arquitetura é óbvia, para além de necessária. A sequência de imagens apresentadas nas páginas anteriores e posteriores revelam da forma o mais precisa possível, o respeito profundo desse diálogo. A implantação dos volumes, tal como a dos objetos, retira partido das propriedades da paisagem, sem nunca a contaminar. Desta forma, a conjugação do objeto artificial com o meio natural, pretende ser precisa.

O artista deve agir, de forma a entender o espaço envolvente. Isto é, deve estar atento ao som do espaço, aos materiais que o constituem, à cor que envolve o espaço, à sua temperatura, ao seu ritmo, e às várias superfícies que o compõem. Quando o artista compreende isto, projeta respeitando a composição do espaço, podemos nesta circunstância dizer que o objeto nasce como uma obra de arte. E se tudo permanecer, se tudo se mantiver calmo, em harmonia, e em perfeita sintonia, então, o artista estará a agir de maneira correta.

Álvaro Siza sublinha de forma vincada esta premissa, na alusão ao projeto das piscinas das marés em Leça da Palmeira, referindo: *"não toquei nos rochedos,*



Fig. 76 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 77 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

apenas acrescentei qualquer coisa que se pudesse reconhecer como não natural."[117] Neste projeto de Álvaro Siza, as piscinas parecem fazer parte do lugar, como se tivessem nascido ali. A forma delicada como o edifício se reúne com o lugar, representa claramente o diálogo que deve existir entre o artificial e o natural.

Assim a proposta destes refúgios, tem como base esses critérios, produzir uma arquitetura essencial, simples e clara. A simplificação da forma pretende a sua inserção na paisagem de modo delicado, desenvolvendo um espírito de pertença com o lugar, em fusão espontânea com a materialidade existente, e constituindo parte dos elementos que a compõem. *"Quando faço um edifício, um grande ou um pequeno complexo, gosto muito de imaginar que este se torna integrante do espaço envolvente".* [118]





Fig. 78 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 79 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PRODUZIR PAISAGEM

Imaginemos que o objeto se torna parte integrante do espaço envolvente. Por norma, a arquitetura gosta de impor uma certa ordem na Natureza. Não com o intuito de mostrar o domínio do Homem, mas na tentativa de tornar os locais mais apelativos, confortáveis e apetecíveis para serem habitados pelo ser humano *"Por lo general se entiende que la arquitectura hace domestico el espacio natural ilimitado y uniforme para el habitar humano."*[19] Neste caso concreto, a inserção destes abrigos e objetos não pretende domesticar o espaço envolvente à obra arquitetónica. Pretende-se que o meio natural esteja em constante transformação, que a vegetação se desenvolva livremente, prevalecendo, moldando e integrando cada vez mais a arquitetura. É desta forma que se confere ao objeto arquitetónico e ao espaço circundante a capacidade de se agregarem livremente.





Fig. 80 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 81 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

"A sua casa e a zona que directamente a rodeia constituem, para ele, uma totalidade indissociável. A seus olhos, aquela superfície livre, esse fragmento de espaço à volta da casa faz parte integrante da habitação" [120]

Assim, não pretendendo recorrer ao tratamento dos espaços exteriores, a intenção é a de inserir os abrigos propostos em dois espaços com caraterísticas algo diferentes. Logo, a escolha dos materiais pretendidos para o exterior dos abrigos, deverá ser diferenciada de forma a que se possa fundir integralmente com a Natureza. Tal como a capa de um livro é a primeira apresentação do seu conteúdo, a imagem exterior do objeto arquitetónico torna-se fundamental na sua apresentação, devendo a escolha dos materiais ser criteriosa. Nessa escolha o fator tempo deve ser ponderado muito antes do aspeto visual, isto é, deve





Fig. 82 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 83 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

antever-se e preparar o envelhecimento do objeto, percebendo as suas mudanças e as suas reações às adversidades que o esperam. *"Uma obra essencial, poética, capaz de os transcender, capaz de figurar na história, capaz de permanecer no tempo."* [121]

Recorre-se à utilização do betão aparente nos volumes implantados na encosta rochosa, e à utilização de madeira velha como revestimento exterior nos restantes volumes que se implantam entre a vegetação existente. Estes materiais pretendem relacionar-se da melhor forma com a paisagem uma vez que são visualmente semelhantes ao espaço envolvente. Sabe-se que o betão aparente é um material com diversas potencialidades. A escolha procura realçar a sua resistência e durabilidade, que coincide com a solidez da rocha. Por outro lado a sua cor acinzentada, com o passar do tempo, funde-se com a robustez da pedra.





Fig. 84 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 85 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

PROJETO

PRODUZIR PAISAGEM

A madeira velha é escolhida por ser um material orgânico, com vastas propriedades técnicas, construtivas e térmicas. Mas acima de tudo, a escolha é feita pela fusão harmoniosa com o local. Com a passagem do tempo, a madeira envelhece, humedece e escurece atraindo fungos, assemelhando-se à vegetação existente no lote.

Relativamente ao material que faz a transição entre o exterior e o interior, tenciona-se utilizar o vidro espelhado na abertura de vãos. Pelo interior, estes enquadram a paisagem que rodeia os módulos. No exterior, o vidro espelhado reflete o vasto cenário que os rodeia, ampliando o espaço e dissolvendo a fronteira existente entre a paisagem e o objeto, tornando-a pouco clara. O vidro espelhado cria uma incerteza visual entre a realidade e a intervenção.





Fig. 86 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso
Fig. 87 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

De forma generalizada, a abertura de vãos utilizada atualmente, alterou a sua funcionalidade e objetivo, *"La cualidad de una ventana reside en la manera en que elabora y expresa su "cualidad de ventana", en como media entre el interior y el exterior, en como enmarca y escala la vista, articula la luz u la privacidad y en como anima la habitación otorgándole una escala, un ritmo y un ambiente especial"* [122] O que Juhani Pallasmaa descreve como perdido, refere-se ao facto de hoje em dia serem usados grandes envidraçados e fachadas contínuas de vidro, terminando com verdadeiro sentido da "Cualidad de ventana". A janela, seja qual for o seu propósito, deve existir dotada de significado, ora seja como enquadramento da paisagem, como forma de contemplação do exterior, ou como meio de iluminação natural. A janela é mais do que um intermediário entre interior e exterior. Assim, a existência de uma fachada contínua de vidro nos





Fig. 88 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 89 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

casos aqui apresentados, é usada como meio de aproximação do Homem à Natureza, assim, quando este se encontrar no interior do módulo, a janela servirá de moldura para a beleza do espaço natural que o rodeia.

A existência de uma claraboia na cobertura do módulo, permite uma experiência extraordinária, quase cinematográfica, poder observar a partir do interior, um maravilhoso céu azul ou um manto preto repleto de estrelas, liberando-o do stress citadino e estabelecendo uma ligação estreita com o universo que o rodeia.

Estes refúgios são uma proposta de fuga à cidade e à globalização. Mais uma vez o objetivo é reativar a conexão entre o Homem e a Natureza, mediante o contato e a experiência que o mesmo tem com a tranquilidade que só o natural consegue oferecer. *"...agradava-me a tranquilidade do meu refugiozinho de montanha e não queria ser incomodado."*[123]





Fig. 90 Desenho a aquarela

É desta forma que se dá por concluída parte do desenvolvimento do processo criativo até aqui apresentado. Assim, depois desta breve apresentação documentada com imagens, apresentam-se agora, na forma de desenho, os elementos necessários para a explicação do projeto, ficando em aberto a hipótese de um trabalho contínuo sobre o mesmo.

"Projetar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas, novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.

Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.

É preciso parar e ser oportuno na paragem.

Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.

Talvez retomar a viagem?" [124]



Fig. 91 Planta de Implantação



0 50 200



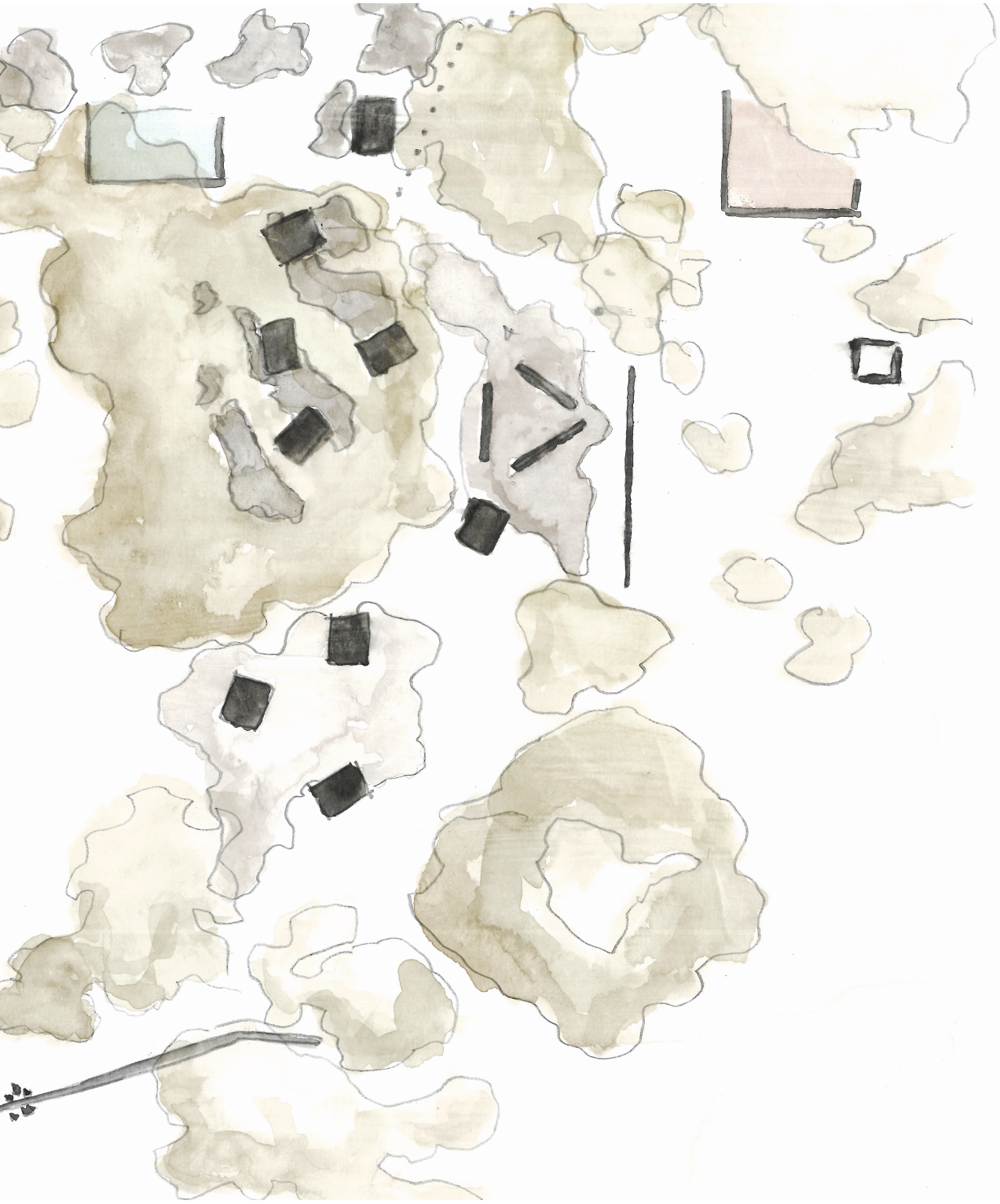
Fig. 92 Planta de Conjunto



0 17.5 70



Fig. 93 Planta de coberturas



0 5.25 21

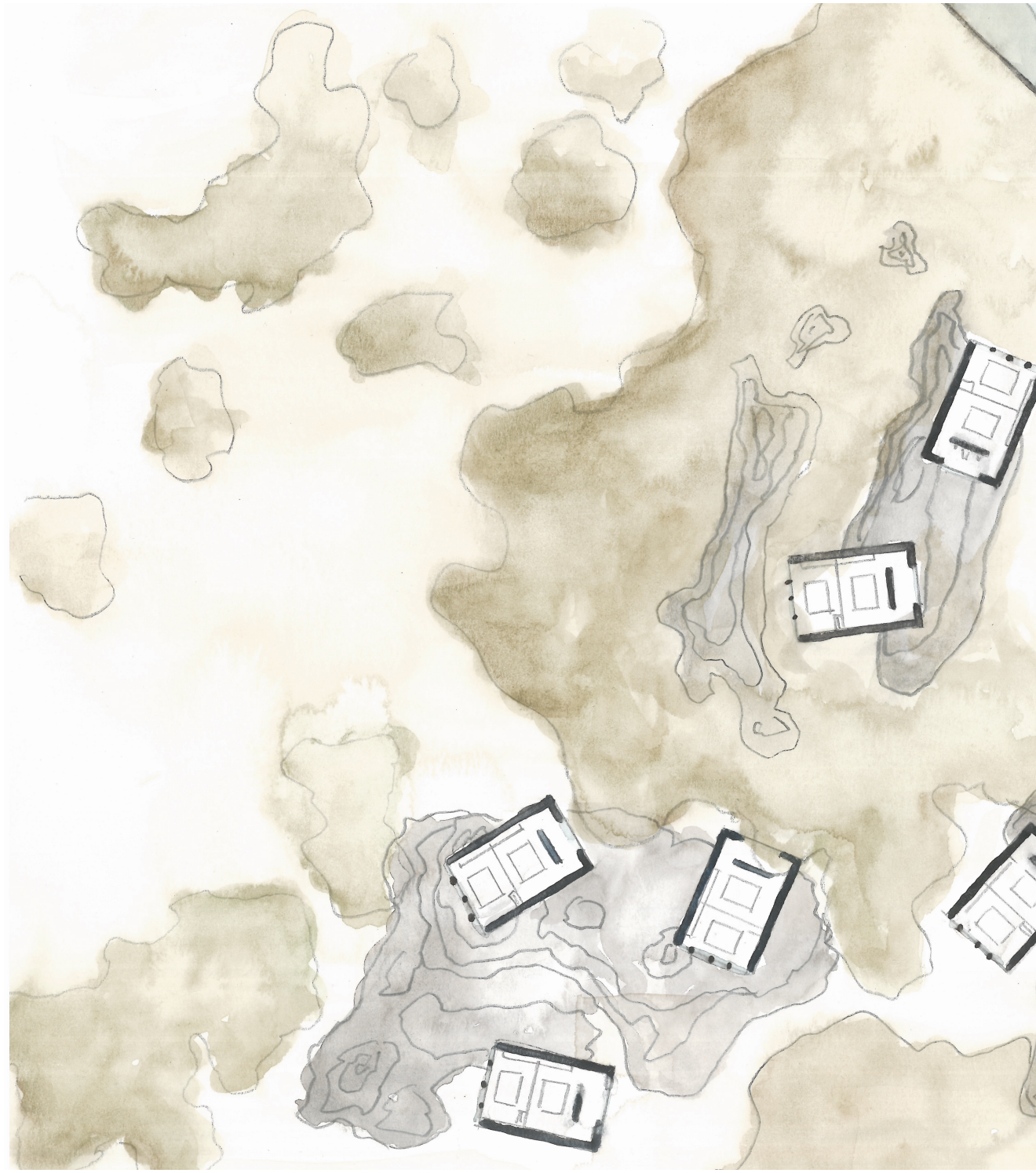
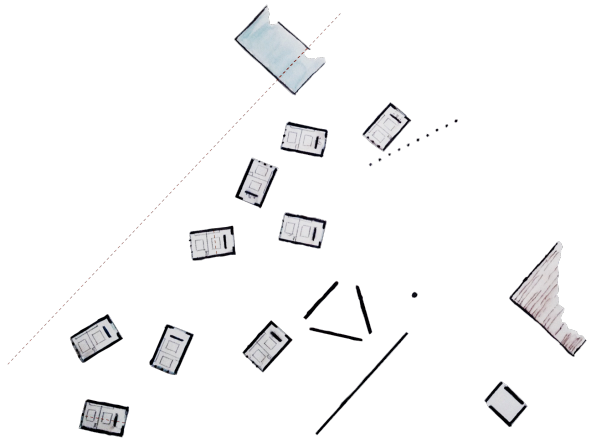


Fig. 94 Planta do piso térreo (Refúgios)


0
4
16



Fig. 95 Corte 1



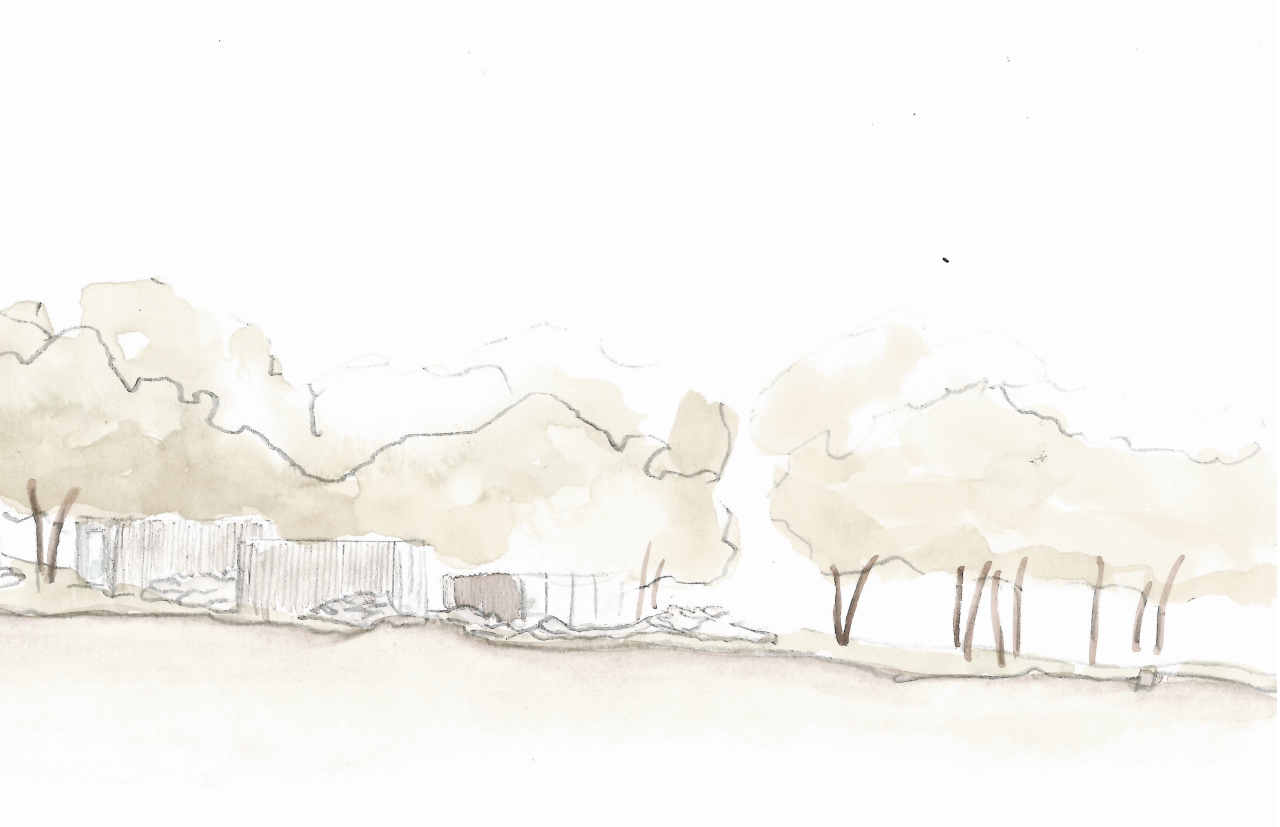
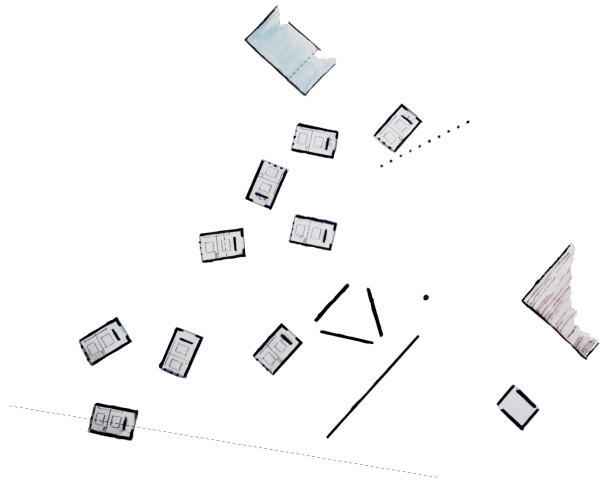




Fig. 96 Corte 2



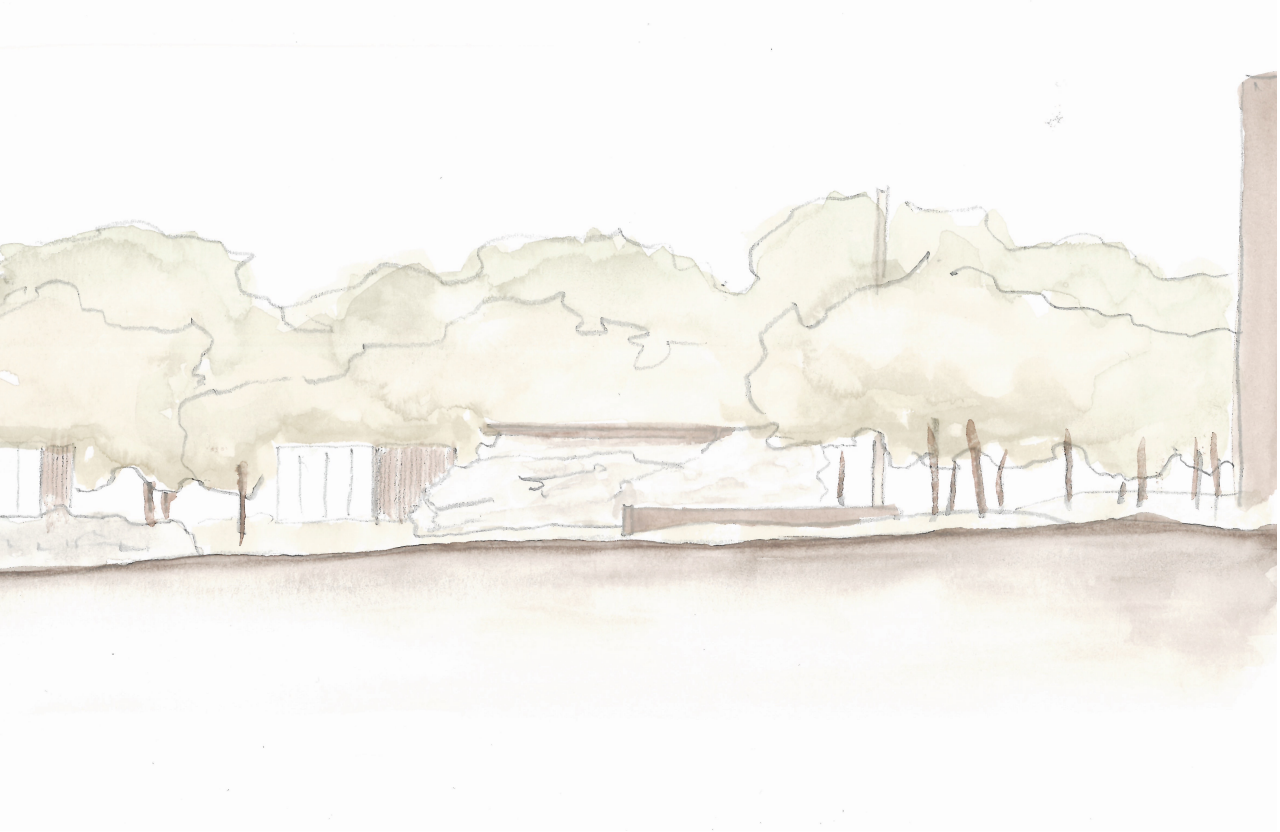
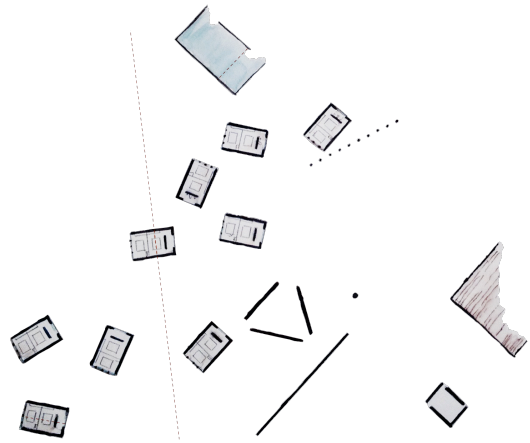




Fig. 97 Corte 3



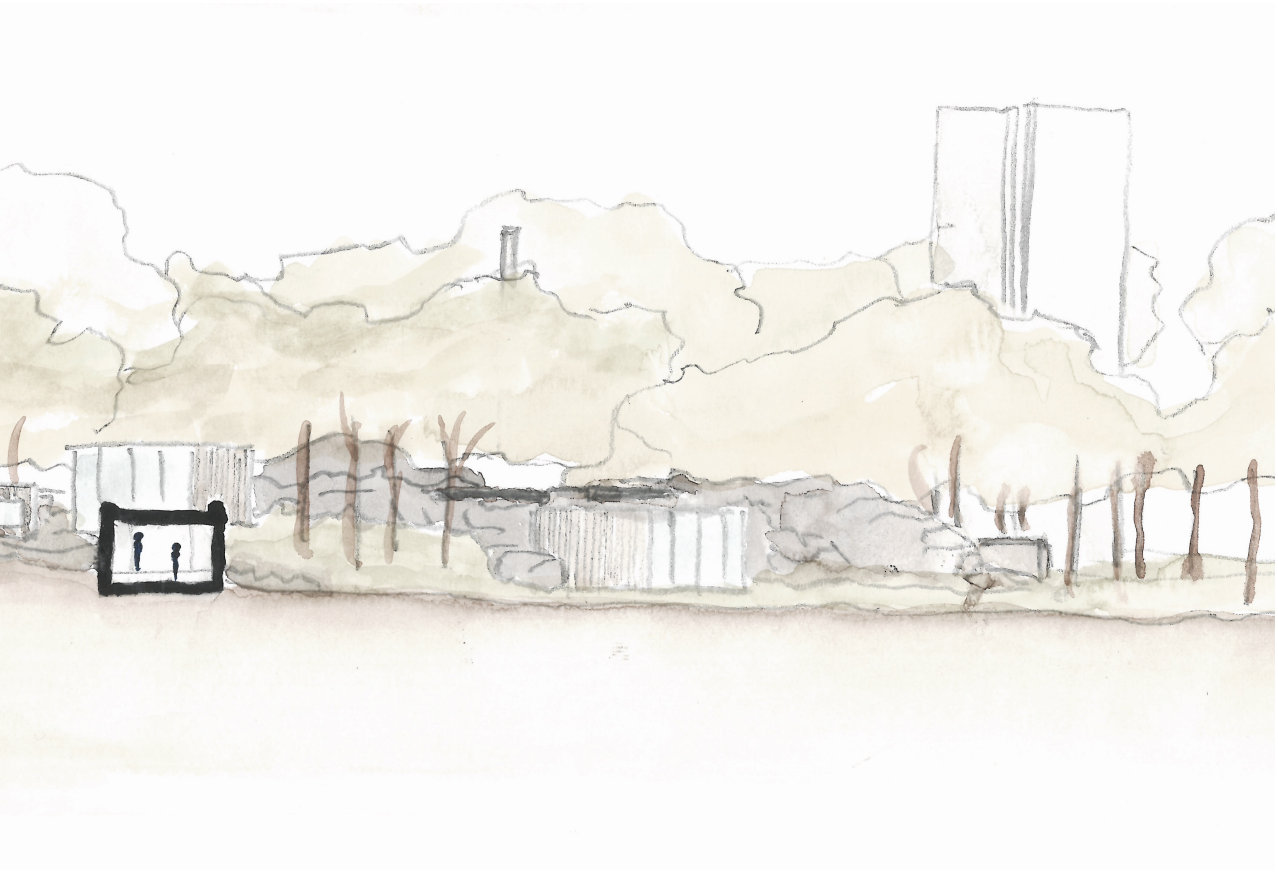




Fig. 98 Perspetiva 1





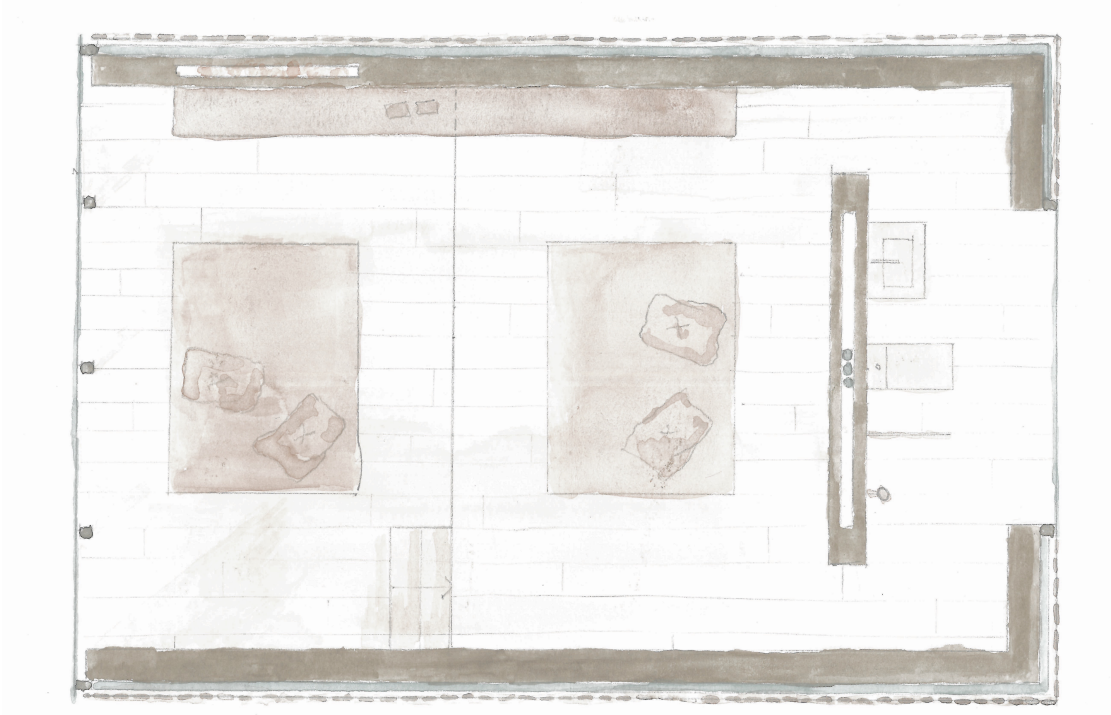
Fig. 99 Perspetiva 2





Fig. 100 Perspetiva 3





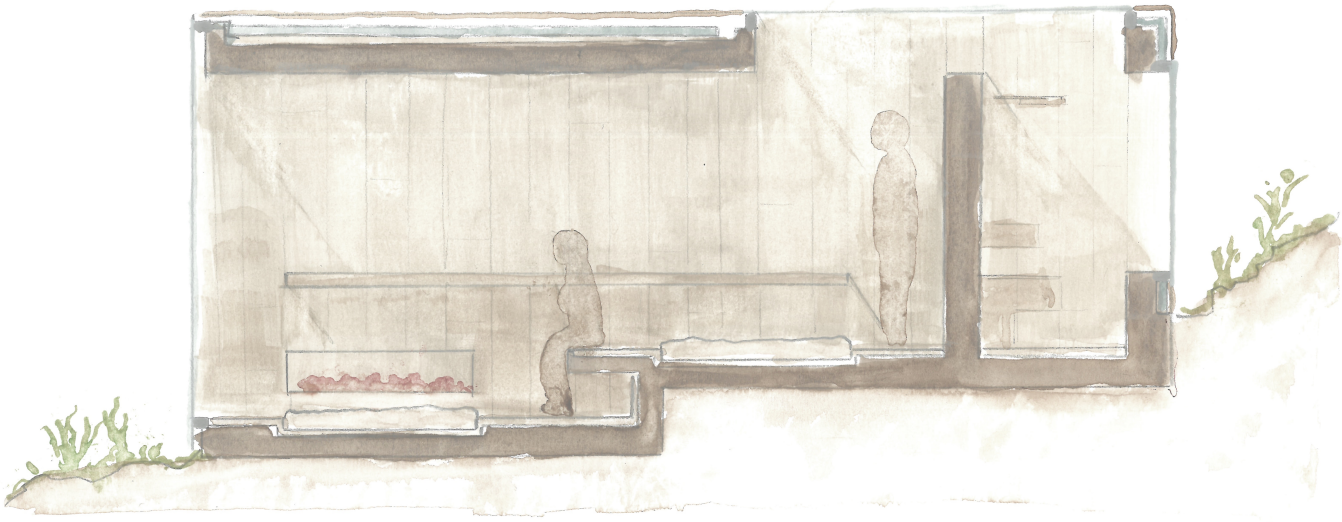
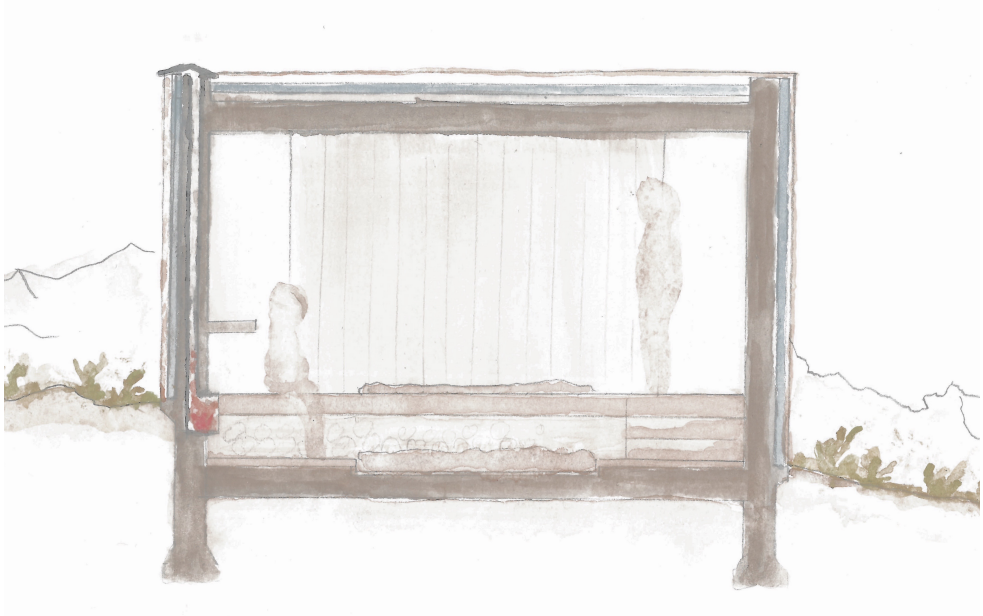


Fig. 101 Planta | Cortes do refúgio

0 0 . 6 2 . 4



De maneira a tornar a experiência o mais primária possível, primária no sentido de se estabelecer uma relação Homem-Natureza, com o mínimo de ruído possível, o desenho interior destas instalações surge apenas para responder às necessidades físicas mais elementares do Homem. A composição do interior do abrigo pretende-se simples, comporta três zonas diferenciadas (zona comum, zona privada e quarto de banho). As duas primeiras zonas estão divididas apenas por um desnível de 54 cm e estão separadas do quarto de banho por uma parede sem portas. O interior, não tem qualquer revestimento, o que permite uma observação direta do betão aparente com cofragem de madeira. Assim, com a simplificação da forma e uma rede de comodidades elementares, que se resumem a uma lareira, dois espaços onde descansar, e os utensílios básicos da casa de banho, procura-se uma interação com os elementos primários - ar, água, terra e fogo - recordando ou avivando ao utilizador as bases mais primárias da sua existência, da sua essência e da sua dependência da Natureza.



Fig. 102 Perspetiva 4

"Según la retorica de Heidegger sobre la vida en la cabaña, esta le ponía en riguroso contacto con la existencia.(···) Sentía que sus sencillas comodidades le ponían en un contacto enormemente estimulante con el clima, y con la flora y la fauna del bosque, con cuyos movimientos trataba de demarcar la existencia."[125]

O facto de alimentar a lareira, suportar o clima das diferentes estações do ano, e o agreste terreno em que se inserem os abrigos, tornam a experiência o mais despojada possível, aludindo a aspetos subtis, provocando emoções, lembranças e desejos de cada um. *"... na mais interminável da dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo(...)Por conseguinte, todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes.(...) não é somente no momento presente que reconhecemos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado."* [126]

O Homem abrigado no seu refúgio, em convivência com o natural descansa, enquanto a chuva bate na cobertura, o vento sopra forte no exterior, e o relâmpago ilumina até a mais pequena esquina com a luz do seu clarão.

A Natureza nas suas manifestações também pode despertar outros sentidos. A consciência de que não a podemos controlar torna-nos impotentes e simultaneamente essa incapacidade, pelo efeito forte que provoca, pode despoletar uma sensação de adrenalina: o medo o receio, o desconhecido. Nunca sabemos, por exemplo, como acaba uma tempestade. Ou seja, a Natureza é imprevisível e incontrolável. Citando Juhanni Pallasma, que afirma que o que mais permanece é o sentimento de bem estar que existe quando estamos protegidos e abrigados da tempestade no calor das nossas casas, *" La experiencia hogareña más intensa y más agradable se produce cuando la lluvia golpea el tejado durante una tormenta fuerte, magnificando la sensación de calor y protección. Al mismo tiempo, el batido de la lluvia a pocos centímetros de mi piel me coloca en contacto directo con los elementos primarios."* [127]

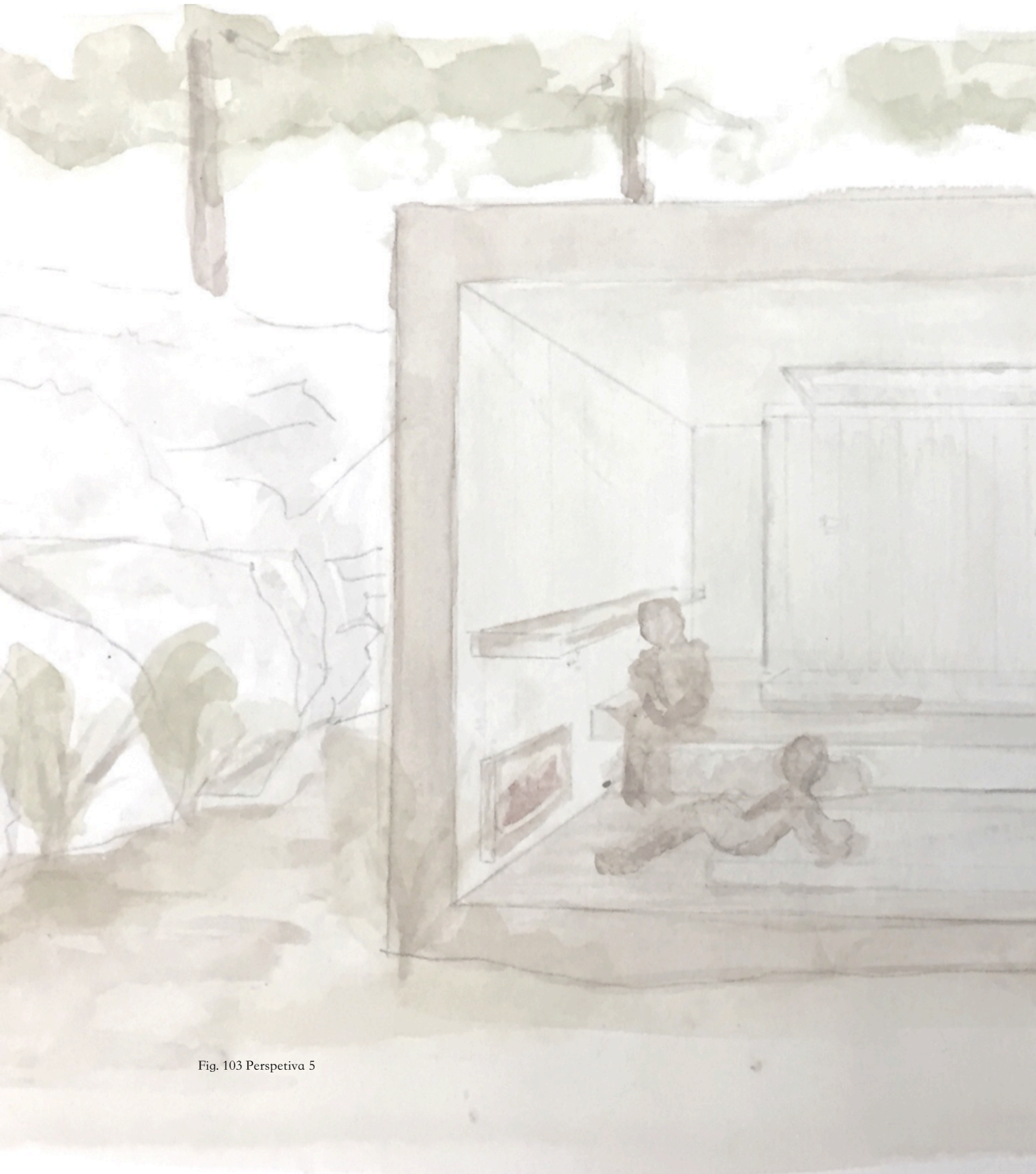


Fig. 103 Perspetiva 5

Também Baudelaire, numa visão mais poética, sublinha *"o sonhador pede um inverno rude." Pede anualmente ao céu tanta neve, granizo e geada quanto seja possível. É preciso que haja um inverno canadense, um inverno russo. Seu ninho será mais quente, mais doce, mais amado..."* [128] Afirmando que, se o abrigo transmite segurança, então a tempestade não pode ser má. A habitação permite ao Homem observar a tempestade a partir do seu interior conferindo-lhe segurança, sentindo-se também protegido pelas suas paredes e por alguns elementos que lhe dão conforto como o fogo . Não há melhor convite à permanência num espaço interior do que o crepitar de uma lareira. "*El bienestar que experimento ante el fuego cuando el mal tiempo cumbe, es de todo animal. La rata en su agujero, el conejo en su madriguera, la vaca en el establo deben ser felices como yo."conhecemos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado."* [129]

A utilização do fogo no interior dos refúgios é um dos componentes essenciais do módulo. *"La imagen del fuego en la casa combina la experiencia más arcaica con las necesidades más contemporáneas. El poder simbólico de la chimenea reside en su capacidad de fusionar las imágenes arcaicas del fuego que alimentaba la vida del hombre primitivo y las experiencias intemporales de bienestar personal con los símbolos de comunidad y de estatus social."* [130] O fogo constitui, desde sempre, um elemento ancestral de reunião social, o Homem sempre se reuniu à volta de um fogo. É nesta perspetiva que o fogo ocupa um lugar central na habitação, não pela forma como organiza o módulo mas, pelas qualidades que transporta consigo. O fogo é o elemento mais destacado no abrigo transformando-se por isso no coração do Habitáculo. E, desta forma, pode dizer-se que a Natureza está presente, não só no espaço exterior, como em todos os elementos que compõem esta habitação. A Natureza é assim alma do projeto.

"Sempre entendi a beleza de um objecto feito pela mão do homem, desde que me consigo lembrar, como uma presença especial da forma, como uma existência natural e altiva própria do objecto. Por vezes, quando um objecto deste tipo se afirma na natureza, vejo beleza. Esta obra, cidade, casa ou estrada, parece colocada conscientemente. (...) O objecto e a sua envolvente; uma consonância entre a natureza e a obra artificial que é diferente da pura beleza da natureza- e diferente da mera beleza do objecto" [131]

Poderíamos dizer, num primeiro impulso, que não se pode acrescentar nada à Natureza. Mas podemos dar-lhe uns apontamentos de cor humana, sob a forma de objetos feitos pela mão do homem, de modo a torná-la mais próxima do nosso quotidiano e da nossa forma de estar.

Respondendo à inquietação que motivou a escolha deste trabalho, aproximar o Homem da Natureza , materializando-o num objeto arquitetónico que fizesse esta ligação mantendo a identidade , quer do objeto quer do espaço natural onde se insere.

Esta Dissertação de Mestrado pretende sobretudo ser o ponto de partida para uma escolha da Arquitetura como objeto de arte, enquanto elemento unificador Homem- Natureza.

NOTAS

1 (INTO THE WILD, Direção: Sean Penn aka Gregs, Paramount Vintage, EUA, 2008 (148min)

2 (NANCE, John(1975) The Gentle Tasaday, New York: Harcourt, Brace, Jovanovich, pag.57)

3 (BRANCO, Samuel Murgel (1997) O meio ambiente em debate, São Paulo: Moderna, pag.22)

4 (BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.116)

5 (TÁVORA, Fernando, (2006), Da Organização do espaço, FAUP Publicações, Porto, pag36.)

6 (HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.14)

7 (KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.86)

8 (LIPOVETSKY, Gilles (1983) A Era do Vazio, Ensaio sobre o individualismo contemporâneo, ANTROPOS, Relógio d´Água, pag.39)

9 (BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.182)

10 (KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag17\18)

11 (LIPOVETSKY, Gilles (1983) A Era do Vazio, Ensaio sobre o individualismo contemporâneo, ANTROPOS, Relógio d´Água, pag.39)

12 (HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.187)

13 (LE GOFF, Jacques (1999) Por amor das cidades, conversas com Jean Lebrun, Editorial Teorema, Lisboa, pag.143)

14 (FILOMENA MOLDER, Maria, (1999) Matérias Sensíveis, Relógio D`Água, pag.83)

15 (BAUMAN, Zygmunt (2006) Confiança e Medo na Cidade, Relógio D`Água Editores, Lisboa, Pag.43)

16 (TÁVORA, Fernando (2006) Da Organização do Espaço, FAUP Publicações, Porto, Pag.35)

17 (CROWE, Norman (1995) Nature and the idea of a man-made world: an investigation into the evolutionary roots of form and order in the built environment, The MIT Press, Cambridge, pag. 230.)

18 (BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.44\45)

19 (KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores, pag.32\34)

20 (FAZENDA RODRIGUES, Sérgio (2013) A casa dos Sentidos, Crónicas de Arquitectura, UZINA BOOKS, Lisboa pag.36)

21 (TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.64)

22 (BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.45\46)

23 (TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.127)

24 (MINIMALISM, A Documentary about the important things. Direção: Matt DÁvella. Catalyst,Asymmetrical,spyr, EUA, 2016 (79 min))

25 (KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores, pag.87)

26 (INNSAEI documentary, Klikk Production, Kristín Ólafsdóttir and Hrund Gunnsteinsdottir, Alemanha,2016,(90min)

[27] *(MINIMALISM, A Documentary about the important things. Direção: Matt DÁvella. Catalyst,Asymmetrical,spyr, EUA, 2016 (79 min))*

[28] *(ALBERT EINSTEIN, Quotes.(n.d).*, The Ultimate Quotable Einstein, Edited by Alice Calaprice, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 2010, quoteinvestigator.com Web site: https://quoteinvestigator.com/2013/03/19/tech-surpass/#return-note-5694-1)

[29] *KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.90\91)*

[30] *(TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.63)*

[31] *(TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.88)*

[32] *(SHARR, Adam (2008) La Cabaña de Heidegger: Un espacio para pensar. Editorial Gustavo Gili. Pag65.)*

[33] *(BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.48)*

[34] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.158\160)*

[35] *(INTO THE WILD, Direção: Sean Penn aka Gregs, Paramount Vintage, EUA,2008 (148min)*

[36] *(KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores, pag.37)*

[37] *(ALBERT EINSTEIN, Quotes. (n.d.). BrainyQuote.com. Retrieved May 26, 2018, BrainyQuote.com Web site: https://www.brainyquote.com/quotes/albert_einstein_106912)*

[38] *(WHITEHEAD, Alfred N.(1994) O conceito de Natureza, Martins Fontes, São Paulo, pag 7.)*

[39] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.48)*

[40] *(FILOMENA MOLDER, Maria, (1999) Matérias Sensíveis, Relógio D`Água, pag.106)*

[41] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.71)*

[42] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, pag73.)*

[43] *(RUSKIN, John (1987) Las siete lamparas de la arquitectura. Barcelona, ALTA FULLA. pag119.)*

[44] *(BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo,(pag.194, (L`amourense initiation (p.64) Milosz))*

[45] *(RUSKIN, John (1987) Las siete lamparas de la arquitectura. Barcelona, ALTA FULLA. pag117.)*

[46] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, pag96.)*

[47] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.42)*

[48] *(KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores, pag.71)*

[49] *(INNSAEI documentary, Klikk Production, Kristin Ólafsdóttir and Hrund Gunnsteinsdottir, Alemanha,2016,(90min)*

[50] *(TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.156)*

[51] *(BAEZA, Alberto Campo (2013) Principia Architectonica. Caleidoscópio. Pag 80.)*

[52] *(BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.207\208)*

[53] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.174)*

[54] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.49)*

[55] *(SHARR, Adam (2008) La Cabaña de Heidegger: Un espacio para pensar. Editorial Gustavo Gili. Pa66.)*

[56] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.48\49)*

[57] *(INNSAEI documentary, Klikk Production, Kristin Ólafsdóttir and Hrund Gunnsteinsdottir, Alemanha,2016,(90min)*

[58] *(TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.10\11)*

[59] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.76)*

[60] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.80)*

[61](HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.55 cit in *KILPATRICK, Franklin Peirce(1961) Exolorations in transactional psycholog, New York University press)*

[62] (HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.83)

[63] *(GRANDE, John K ; LUCIE-SMITH, Edward (2004) Art Nature Dialogues, Interviews with Environmental Artists, State University of New York Press. Pag 51.)*

[64] *(RITONDALE, Claudionor Aparecido(2008) Fernando Pessoa Por Alberto Caeiro, Clube de Autores, São Paulo, Pag.201)*

[65] *(BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.186)*

[66] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.43\44)*

[67] *(BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.18)*

[68] *(KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores, pag.23)*

[69] *(ZUMTHOR, Peter (2006) Atmosferas. Editorial Gustavo Gili. Pag 30.)*

[70] *(KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores, pag.23\24)*

[71] *(GALOFADO, Luca (2003) ARTSCAPES: El arte como aproximacion al paisage. Editorial Gustavo Gili. Pag167.)*

[72] *(GRANDE, John K ; LUCIE-SMITH, Edward (2004) Art Nature Dialogues, Interviews with Environmental Artists, State University of New York Press. Pag XVII.)*

[73] *(TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.111\112)*

[74] *(ZUMTHOR, Peter (2006) Atmosferas, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, pag63.)*

[75] *(KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores, pag.72)*

[76] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.70)*

[77] *(BAEZA, Alberto Campo (2013) Principia Architectonica. Caleidoscópio. Pag 11.)*

[78] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, pag96.)*

[79] *(BAEZA, Alberto Campo (2011) Pensar com as mãos. Caleidoscópio. Pag 53.)*

[80] *(RENÉ Ménar(1956) Le livre des arbres, ed. Arts et Métiers Graphiques, Paris, pag. 6-7)*

[81] *(GALOFADO, Luca (2003) ARTSCAPES: El arte como aproximacion al paisage. Editorial Gustavo Gili. Pag151.)*

[82] *(GORMLEY, Antony, (2002-03) Inside Australia, Lake Ballard, Australia)*

[83] *(SCHULZ-DORNBUR(2000) Júlia, Arte y Arquitectura: nuevas afinidades. Barcelona)*

[84] *(GRANDE, John K ; LUCIE-SMITH, Edward (2004) Art Nature Dialogues, Interviews with Environmental Artists, State University of New York Press. Pag 11.)*

[85] *(GORMLEY, Antony, (2002-03) Inside Australia, Lake Ballard, Australia)*

[86] *(HOLT, Nancy(1973-76) Sun Tunnels, Great Basin Desert, USA)*

[87] *(CARERI, Francesco, (2017) CAMINHAR E PARAR, Editorial Gustavo Gili. Pag 126)*

[88] *(KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70, pag.44)*

[89] *(SHARR, Adam (2008) La Cabaña de Heidegger: Un espacio para pensar. Editorial Gustavo Gili. Pag76.)*

[90] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.200)*

[91] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, pag16.)*

[92] (STUART, Kristopher Mark (1993) On architecture, nature and man, Rice University, Houston,Texas, pag.156)

[93] (Project architects JSA: Jan Olav Jensen. (n.d.). Juvet.com, 2009, Juvet.com Web Site: http://www.juvet.com/the-juvet-hotel/architecture)

[94](BO JENSEN,Morten ; EGELUND, Kasper (n.d.). Vipp.com, 2009, Juvet.com web site: https://vipp.com/en/vipp-shelter)

[95] (ALTENBURGER, Ekkehard (n.d.). mymodernmet.com By Katie Hosmes on November 29, 2012, mymodernmer.com web site: https://mymodernmet.com/ekkehard-altenburger-mirror-house/)

[96] *(MURO, Carles(1994) Álvaro Siza: Escritos. 1ª ed.Barcelona:U.P.C, pag.12)*

[97] *(SIZA, Álvaro, (2012) Imaginar a Evidência, Edições 70, pag34)*

[98] *(BAEZA, Alberto Campo (2013) Principia Architectonica. Caleidoscópio. Pag 80.)*

[99] *(BAEZA, Alberto Campo (2013) Principia Architectonica. Caleidoscópio. Pag 84.)*

[100] *(GALOFADO, Luca (2003) ARTSCAPES: El arte como aproximacion al paisage. Editorial Gustavo Gili. Pag35.)*

[101] *(PALLASMAA, Juhani (2016) Habitar. Editorial Gustavo Gili. Pag114.)*

[102] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, pag11.)*

[103] *(MURO, Carles(1994) Álvaro Siza: Escritos. 1ª ed.Barcelona:U.P.C, pag 13.)*

[104] *(FILOMENA MOLDER, Maria, (1999) Matérias Sensíveis, Relógio D`Água, pag.46)*

[105] *(KATZENSTEIN, Ernesto (1965) Louis I. Khan: Forma y diseño, Buenos Aires: Nueva Visión, pag11.)*

[106] *(GALOFADO, Luca (2003) ARTSCAPES: El arte como aproximacion al paisage. Editorial Gustavo Gili. pag22.)*

[107] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, pag98.)*

[108] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili, pag17.)*

[109] *(GALOFADO, Luca (2003) ARTSCAPES: El arte como aproximacion al paisage. Editorial Gustavo Gili. Pag79.)*

[110] *(TUAN, Yi-fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London, pag.162)*

[111] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.99)*

[112] *(RAQUEJO, Tonia, (2008) Land Art, 4ª ed., Editorial Nerea, Donostia- San Sebastián, pag 9)*

[113] *(GALOFADO, Luca (2003) ARTSCAPES: El arte como aproximacion al paisage. Editorial Gustavo Gili. Pag102.)*

[114] *(FILOMENA MOLDER, Maria, (1999) Matérias Sensíveis, Relógio D`Água, pag.19)*

[115] *(GRANDE, John K ; LUCIE-SMITH, Edward (2004) Art Nature Dialogues, Interviews with Environmental Artists, State University of New York Press. Pag 51.)*

[116] *(BAEZA, Alberto Campo (2013) Principia Architectonica. Caleidoscópio. Pag 78.)*

[117] *(SIZA, Álvaro, (1999) Álvaro Siza, apud JODIDIO, Philip Tachen, Köln, pag 17.)*

[118] *(ZUMTHOR, Peter (2006) Atmosferas. Editorial Gustavo Gili. Pag 64.)*

[119] *(PALLASMAA, Juhani (2016) Habitar. Editorial Gustavo Gili. Pag113.)*

[120] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.173)*

[121] *(BAEZA, Alberto Campo (2013) Principia Architectonica. Caleidoscópio. Pag 23.)*

[122] *(PALLASMAA, Juhani (2016) Habitar. Editorial Gustavo Gili. Pag97.*

[123] *(HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água, Pag.160)*

[124] *(VIEIRA, Álvaro Siza(2009) -01 textos. Porto: Civilização ed, pag. 317)*

[125] *(SHARR, Adam (2008) La Cabaña de Heidegger: Un espacio para pensar. Editorial Gustavo Gili. Pag105.)*

[126] *(BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.25)*

[127] *(PALLASMAA, Juhani (2016) Habitar. Editorial Gustavo Gili. Pag31.)*

[128] *(BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, pag.56)*

[129] *(PALLASMAA, Juhani (2016) Habitar. Editorial Gustavo Gili. Pag101.)*

[130] *(PALLASMAA, Juhani (2016) Habitar. Editorial Gustavo Gili. Pag31.)*

[131] *(ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitetura, 2ª ed.ampliada, Gustavo Gili, Barcelona, pag.75)*

CRÉDITO DE IMAGENS

Fig. 1 Nova York, Central Park, retrata dois universos diferentes

-https://www.pinterest.pt/pin/457185799666288139/

Fig. 2 The Garden Of Earthly Delights, Hieronymus Bosch, Sec.XV-XVI

-https://www.nytimes.com/2016/05/01/travel/hieronymus-bosch-netherlands.html

Fig. 3 Domesticação do espaço natural, desenho do autor

Fig.4 Foz do Douro, Porto, Fotografia do autor, 2016

Fig.5 Retrato de uma sociedade capitalista, desenho do autor

Fig. 6 Matosinhos, Fotografia do autor, 2018

Fig. 7 Paris, Fotografia do autor, 2018

Fig. 8 Grand Central Terminal, Nova York, fotografia do autor, 2017

Fig. 9 Times Square, Nova York, fotografia do autor, 2017

Fig. 10 Marrocos, fotografia do autor, 2017

Fig. 11 Porto, Retrata a dependência da tecnologia, fotografia do autor, 2018

Fig. 12 Louvre, Paris, Retrata a dependência da tecnologia, fotografia do autor, 2018

Fig. 13 Matosinhos, Representa a energia da natureza fotografia do autor, 2018

Fig. 14 La Cabaña de Heidegger

-https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812013000200003

Fig. 15 Chris McCandless, à frente do "mágico autocarro"

-https://www.theinertia.com/mountain/2-hikers-rescued-after-pilgrimage-to-into-the-wild-bus-in-alaska-goes-wrong/

Fig. 16 Vista do Oceano, Foz, Porto, fotografia do autor, 2018

Fig. 17 Rio de Janeiro, fotografia do autor, 2016

Fig. 18 Claude Monet, Banks of the seine, 1880

- https://www.nga.gov/features/slideshows/claude-monet.html#slide_2

Fig. 19 Parque da cidade, Porto, fotografia do autor, 2017

Fig. 20 Parque da cidade, Porto, fotografia do autor, 2017

Fig. 21 Marrocos, fotografia do autor, 2018

Fig. 22 Marrocos, fotografia do autor, 2018

Fig. 23 Timor-Leste, fotografia do autor, 2016

Fig. 24 Praia S.Pedro da Maceda, Ovar, fotografia do autor, 2015

Fig. 25 Giuseppe Penone, La mano che resiste, 1969

http://www.doppiozero.com/rubriche/82/201304/giuseppe-penone-la-mano-che-resiste

Fig. 26 Foz do Douro, Porto, fotografia do autor, 2018

Fig. 27 Parque da cidade, Porto, representa a textura, fotografia do autor, 2017

Fig. 28 Matosinhos, representa a perceção, fotografia do autor, 2018

Fig. 29 Praia de Matosinhos, representa o contato entre o Homem e a Natureza, fotografia do autor, 2018

Fig. 30 Praia de S.Pedro da Maceda Ovar, fotografia do autor, 2017

Fig. 31 Parque da cidade, Porto, Mostra a tranquilidade do mundo Natural, fotografia do autor, 2017

Fig. 32 Foz do Douro, Porto, o Silêncio do Oceano, fotografia do autor, 2018

Fig. 33 Vilar do Pinheiro, Vila do Conde, fotografia do autor, 2017

Fig. 34 FAUP, Campo Alegre, Porto, fotografia do autor, 2018

Fig. 35 Jardim Botânico, Rio de Janeiro, fotografia do autor, 2016

Fig. 36 Referências Natureza

Fig.1, 2, -Parque da cidade, Porto, fotografia autor, 2017
Fig.4-Jardim Serralves, Porto, fotografia autor, 2017
Fig. 3, 5, 6-Parque Municipal da Quinta da Conceição, Leça da Palmeira, fotografia autor, 2017

Fig. 37 Referências Natureza

Fig.1, 2, -Passadiços do Paiva, Arouca, fotografia autor, 2017
Fig.3-Quinta das Lágrimas, Coimbra, fotografia autor, 2017
Fig. 4, 5 - Praia de São Pedro da Maceda, Ovar fotografia autor, 2017

Fig. 38 Richard Serra, East-West \ West-East

- https://www.archdaily.com.br/br/766439/east-west-west-east-de-richard-serra/554286dfe58ece706c000405-east-west-west-east-de-richard-serra-foto

Fig. 39 Michael Heizer, Planar Displacement, 1941

- https://theartstack.com/artist/michael-heizer/circular-surface-planar

Fig. 40 Richard Serra, Spin Out, 1972-1972

- https://krollermuller.nl/en/richard-serra-spin-out-for-robert-smithson-1

Fig. 41 Fotografia na Quinta das Igrejeiras, Vilar Formoso, 2000

Fig. 42 Fotografia Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso, 2017

Fig. 43 Fotografia Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso, 2017

Fig. 44 Desenho do autor, Processo para a criação do objecto arquitectónico

Fig. 45 Localização de Vilar Formoso na península ibérica

Fig. 46 Ortofotomapas da aproximação ao local de intervenção

- Imagens obtidas a partir de informações do Plano Municipal de Almeida

Fig. 47 Maquete explicativa da topografia do terreno de intervenção

Fig. 48 Maquete explicativa da topografia do terreno de intervenção

Fig. 49 Referências Projeto

Fig.1, 2, 3 The Juvet Landscape Hotel de Jensen e Skodvin
http://www.juvet.com/the-juvet-hotel/architecture
Fig. 4, 5 Mirror House de Ekkehard Alteburger
http://bloggedd.com/small-mirrored-house-by-ekkehard-altenburger/
Fig. 6, 7 Vipp Shelter de Morton Bo Jensen
https://www.archdaily.com/610890/the-vipp-shelter-vipp/59d7990eb22e38831f000497-the-vipp-shelter- vipp-image

Fig. 50 Referências Projeto

Fig.1, 2, *De muerte e espejos de* Solano Benitez
https://orionmagblog.wordpress.com/2013/05/02/de-muerte-y-espejos/
Fig. 3, 4 *O Paseo Maritimo y Fachada Litoral dos* RCR Arquitectes
http://rcrbunkafundacio.cat/fons-rcr/obres/o-iii-120-casa-horitzo/
Fig. 5, 6 O projeto do *Parque de Pedra Tosca dos* RCR Arquitectes
https://www.archdaily.com.br/br/806207/parque-de-pedra-bruta-rcr-arquitectes
Fig.7 O *Pabellón 2 x 1 Tussols-Basil dos* RCR Arquitectes
http://rcrbunkafundacio.cat/fons-rcr/obres/o-iii-120-casa-horitzo/

Fig. 51 Foz, Porto, fotografia do autor, 2017

Fig. 52 Ponte S.joão, Gaia, fotografia do autor, 2017

Fig. 53 One World Trade Center, Nova York, fotografia do autor, 2017

Fig. 54 Primeiro esquisso

Fig. 55 Desenhos do processo

Fig. 56 Desenhos do processo

Fig. 57 Fotografia do Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 58 Fotografia manipulada pelo autor do Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 59 Fotografia do caminho que leva à construção existente, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 60 Fotografia manipulada pelo autor do caminho que leva à construção existente, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 61 Fotografia do caminho que leva ao Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 62 Fotografia manipulada pelo autor do caminho que leva ao Portão da Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 63 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 64 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 65 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 66 Fotografia da paisagem manipula pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 67 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 68 Fotografia da paisagem manipula pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 69 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 70 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 71 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 72 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 73 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 74 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 75 Primeiro esquisso do refúgio

Fig. 76 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 77 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 78 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 79 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 80 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 81 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 82 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 83 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 84 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 85 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 86 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 87 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 88 Fotografia da paisagem, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 89 Fotografia da paisagem manipulada pelo autor, Quinta do Prado Verde, Vilar Formoso

Fig. 90 Desenho a aquarela

Fig. 91 Planta de Implantação

Fig. 92 Planta de Conjunto

Fig. 93 Planta de coberturas

Fig. 94 Planta do piso térreo (Refúgios)

Fig. 95 Corte 1

Fig. 96 Corte 2

Fig. 97 Corte 3

Fig. 98 Perspetiva 1

Fig. 99 Perspetiva 2

Fig. 100 Perspetiva 3

Fig. 101 Planta | Cortes do refúgio

Fig. 102 Perspetiva 4

FILMES

- INTO THE WILD, Direção: Sean Penn aka Gregs, Paramount Vintage, EUA, 2008 (148min)

- MINIMALISM, A Documentary about the important things. Direção: Matt DÁvella. Catalyst,Asymmetrical,spyr, EUA, 2016 (79 min)

- INNSAEI documentary, Klikk Production, Kristin Ólafsdóttir and Hrund Gunnsteinsdottir, Alemanha,2016,(90min)

WEB

- *ALBERT EINSTEIN, Quotes. (n.d.). BrainyQuote.com. Retrieved May 26, 2018, BrainyQuote.com Web site: https://www.brainyquote.com/quotes/albert_einstein_106912)*

- *(ALBERT EINSTEIN, Quotes.(n.d).* The Ultimate Quotable Einstein, Edited by Alice Calaprice, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 2010, quoteinvestigator.com Web site: https://quoteinvestigator.com/2013/03/19/tech-surpass/#return-note-5694-1)
- (ALTENBURGER, Ekkehard (n.d.). mymodernmet.com By Katie Hosmes on November 29, 2012, mymodernmer.com web site: https://mymodernmet.com/ekkehard-altenburger-mirror-house/)
- (BO JENSEN,Morten ; EGELUND, Kasper (n.d.). Vipp.com, 2009, Juvet.com web site: https://vipp.com/en/vipp-shelter)
- (Project architects JSA: Jan Olav Jensen. (n.d.). Juvet.com, 2009, Juvet.com Web Site: http://www.juvet.com/the-juvet-hotel/architecture)

- http://karsava.lv/wp-content/uploads/2016/12/1402388012_20140610111332.jpg

- https://www.nga.gov/features/slideshows/claude-monet.html#slide_2

- http://www.doppiozero.com/rubriche/82/201304/giuseppe-penone-la-mano-che-resiste

- https://thezaxis.co/2016/12/05/building-up-the-bones/

- https://krollermuller.nl/en/richard-serra-spin-out-for-robert-smithson-1

- https://artnewyork.wordpress.com/2014/02/11/nancy-holt-dies-at-age-75/

- https://sites.google.com/site/blackrockdunes/

- https://hiveminer.com/Tags/afangar/Recent

- http://www.filtercopy.com/11-beautiful-quotes-for-the-free-soul-from-the-movie-into-the-wild-2473433825.html

- https://www.nytimes.com/2016/05/01/travel/hieronymus-bosch-netherlands.html

- http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812013000200003

- https://www.theinertia.com/mountain/2-hikers-rescued-after-pilgrimage-to-into-the-wild-bus-in-alaska-goes-wrong/

- https://orionmagblog.wordpress.com/2013/05/02/de-muerte-y-espejos/

- http://www.juvet.com/the-juvet-hotel/architecture

- http://bloggedd.com/small-mirrored-house-by-ekkehard-altenburger/
- http://www.lostateminor.com/2014/02/21/might-beautiful-house-well-never-get-stay/

- https://www.archdaily.com/610890/the-vipp-shelter-vipp/59d7990eb22e38831f000497-the-vipp-shelter-vipp-image

- https://www.vipp.com/en/vipp-shelter

- http://rcrbunkafundacio.cat/fons-rcr/obres/o-iii-120-casa-horitzo/

- https://www.dezeen.com/2007/02/14/pedra-tosca-park-by-rcr-arquitectes/

- https://www.archdaily.com.br/br/806207/parque-de-pedra-bruta-rcr-arquitectes

- http://espairecer.pt/parque-de-serralves-porto/

- http://www.passadicosdopaiva.pt

- http://www.centerofportugal.com/pt/quinta-das-lagrimas/

- https://lifestyle.sapo.pt/casa-e-lazer/viagens-e-turismo/artigos/no-santuario-da-quinta-das-lagrimas

- https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/sao-pedro-de-maceda-um-areal-selvagem-escondido-entre-pinhal

- https://www.playocean.net/portugal/ovar/praias/praia-de-sao-pedro-de-maceda

http://www.aldeiashistoricasdeportugal.com/media/documentos/Folheto_GR22__Caminhos_Historicos_e_Percursos_Ciclotu risticos.pdf

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Vilar_Formoso

- https://divisare.com/projects/328523-wee-studio-tree-house#lg=1&slide=22

- https://divisare.com/projects/180820-act_romegialli-marcello-mariana-greenbox

- https://www.hellopeacefulmind.com/minimalism-documentary/

- https://www.youtube.com/watch?v=cwCi-fSdvtU

- http://www.citador.pt/poemas/o-mundo-nao-se-fez-para-pensarmos-nele-alberto-caeirobrheteronimo-de-fernando-pessoa

- http://www.drivingfordeco.com/tag/manhattan-tower-1932/

- https://www.pinterest.pt/pin/457185799666288139/

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *BACHELARD, Gaston (2008) A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo*
- *BAEZA, Alberto Campo (2011) Pensar com as mãos. Caleidoscópio*
- *BAEZA, Alberto Campo (2013) Principia Architectonica. Caleidoscópio*
- *BAUMAN, Zygmunt (2006) Confiança e Medo na Cidade, Relógio D`Água Editores, Lisboa*
- *BRANCO, Samuel Murgel (1997) O meio ambiente em debate, São Paulo: Moderna*
- *CARERI, Francesco, (2017) CAMINHAR E PARAR, Editorial Gustavo Gili*
- *CROWE, Norman (1995) Nature and the idea of a man-made world: an investigation into the evolutionary roots of form and order in the built environment, The MIT Press, Cambridge*
- *FAZENDA RODRIGUES, Sérgio (2013) A casa dos Sentidos, Crónicas de Arquitectura, UZINA BOOKS, Lisboa*
- *FILOMENA MOLDER, Maria, (1999) Matérias Sensíveis, Relógio D`Água*
- *GALOFADO, Luca (2003) ARTSCAPES: El arte como aproximacion al paisage. Editorial Gustavo Gili*
- *GRANDE, John K ; LUCIE-SMITH, Edward (2004) Art Nature Dialogues, Interviews with Environmental Artists, State University of New York Press*
- *HALL, Edward T. (1986) A Dimensão Oculta, Relógio D`Água*
- *KAGGE, Erling (2017) Silêncio na era do Ruído, Quetzal Editores*
- *KATZENSTEIN, Ernesto (1965) Louis I. Khan: Forma y diseño, Buenos Aires: Nueva Visión*
- *KILPATRICK, Franklin Peirce(1961) Exolorations in transactional psycholog, New York University press*
- *KRISHNAMURTI, Jiddu, (1992) Natureza e Meio Ambiente, Edições 70*
- *LE GOFF, Jacques (1999) Por amor das cidades, conversas com Jean Lebrun, Editorial Teorema, Lisboa*
- *LIPOVETSKY, Gilles (1983) A Era do Vazio, Ensaio sobre o individualismo contemporâneo, ANTROPOS, Relógio d´Água*
- *MURO, Carles(1994) Álvaro Siza: Escritos. 1ª ed.Barcelona:U.P.C*
- *NANCE, John(1975) The Gentle Tasaday, New York: Harcourt, Brace, Jovanovich*
- *PALLASMAA, Juhani (2016) Habitar. Editorial Gustavo Gili*
- *RAQUEJO, Tonia, (2008) Land Art, 4ª ed., Editorial Nerea, Donostia- San Sebastián*
- *RENÉ Ménar(1956) Le livre des arbres, ed. Arts et Métiers Graphiques, Paris*
- *RITONDALE, Claudionor Aparecido(2008) Fernando Pessoa Por Alberto Caeiro, Clube de Autores, São Paulo*
- *RUSKIN, John (1987) Las siete lamparas de la arquitectura. Barcelona, ALTA FULLA*
- *SCHULZ-DORNBUR(2000) Júlia, Arte y Arquitectura: nuevas afinidades. Barcelona*
- *SHARR, Adam (2008) La Cabaña de Heidegger: Un espacio para pensar. Editorial Gustavo Gili*
- *SIZA, Álvaro, (1999) Álvaro Siza, apud JODIDIO, Philip Tachen, Köln*
- *SIZA, Álvaro, (2012) Imaginar a Evidência, Edições 70*
- STUART, Kristopher Mark (1993) On architecture, nature and man, Rice University, Houston,Texas
- *TÁVORA, Fernando, (2006), Da Organização do espaço, FAUP Publicações, Porto*
- *TUAN, Yi-Fu ,2005, Space and Place The Perspective of Experience, University of Minnesota Press, London*
- *VIEIRA, Álvaro Siza(2009) -01 textos. Porto: Civilização ed*
- *WHITEHEAD, Alfred N.(1994) O conceito de Natureza, Martins Fontes, São Paulo*
- *ZUMTHOR, Peter (2006) Atmosferas. Editorial Gustavo Gili*
- *ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitectura, Editorial Gustavo Gili*
-*ZUMTHOR, Peter (2009) Pensar a Arquitetura, 2ª ed.ampliada, Editorial Gustavo Gili, Barcelona*